



Cantos Espíritos

Este projeto é realizado em benefício do Abrigo São Francisco de Assis - Palmares - PE

Histórias em duas vidas
Contos Espíritos

João Batista Sobrinho

Novembro
2008

Esclarecimentos	03
10 meses em prisão	04
Uma noite mais além	31
Recomendações de leitura	64
Agradecimentos	64

Informações Bibliográficas

Este trabalho é uma obra de ficção, à luz da Doutrina Espírita.

Originais: João Batista Sobrinho

Revisão: Lílian Gleyce Correia
Maria Sônia barbosa

Projeto Gráfico e Diagramação: João Batista Sobrinho

Imagens: João Batista Sobrinho

É permitida a fotocópia do conteúdo desde que citada a fonte.

1. Espiritismo 2. Vida 3. Evolução

Antes de iniciarmos esta nossa pequena caminhada gostaria de tomar a liberdade de esclarecer alguns pequenos, porém importantes, pontos:

- Este projeto tem como objetivo principal auxiliar o **Abrigo São Francisco de Assis** (Rua Frei Caneca, 410, Palmares, PE – Fone: 81.3661.1523) com todos os recursos advindos da venda dos exemplares; em segundo plano objetiva também a divulgação dos ensinamentos de Jesus, à luz do Espiritismo, como caminho seguro para nossa vida atual.
- O trabalho a seguir não é baseado em nenhum caso específico, portanto todos os nomes, locais e acontecimentos são obras da imaginação deste que vos escreve;
- Embora sendo obra de ficção este trabalho certamente retrata fatos e acontecimentos reais, que acontecem aos milhares diariamente em nossas vidas e nas vidas de nossos irmãos de jornada;
- Os contos aqui apresentados não têm como objetivo servir de palavra final na exemplificação do Espiritismo, que conta com inúmeros e mais completos trabalhos à disposição de todos; seu objetivo é tão somente servir de relato e objeto de meditação sobre alguns dos múltiplos aspectos que nos ensina a Doutrina Espírita, em uma visão particular específica e não absoluta.
- Ao contrário do que muitos possam vir a pensar este trabalho não é uma obra literária advinda da maravilhosa mediunidade de psicografia, sendo simplesmente dois pequenos ensaios realizados por este que ora vos esclarece; entretanto, é impossível negar que, muito provavelmente, o desenvolvimento deste projeto deve ter sido alvo constante de muita inspiração dos amigos espirituais, que, como sempre, nos auxiliam em todos os aspectos de nossas vidas.

Certamente esta se tornará uma nova obra nas listagens de trabalhos espíritas, porém sem perder a sua individualidade e as características que a enriquecem e classificam como mais um degrau na escada infinita de nosso melhoramento.

Muita Paz a todos

O Autor

10 meses em prisão

Apenas mais um cárcere.

- Quando eu sair daqui, eu já sei o que vou fazer! – dizia Pedro, em um canto onde vislumbrava o horizonte pela janela da cela, com os pensamentos voltados ao dia em que estaria livre da prisão. – Eu já sei o que vou fazer.

A cela pequena, apenas três por dois metros, era escura e úmida; as paredes riscadas e mofadas em muitos cantos, o chão em cimento grosso e áspero, demonstravam que há muito tempo ninguém tinha o cuidado de tornar aquele lugar mais habitável.

Dois beliches, um de cada lado da cela, formavam o mobiliário que se completava com um vaso sanitário de aço inox que fora colocado em um canto, ao fundo da cela.

Privacidade era um luxo que os homens que ali se encontravam não podiam esperar. Muitos, já detidos diversas vezes, estavam acostumados àquela maneira pouco comum de viver; outros, que estavam ali pela primeira vez, ainda não conseguiam se acostumar com os odores, as revistas noturnas, a falta de humanidade, as discussões violentas entre os detentos, e ao “código” – porque a “lei” e a “justiça” existiam fora da prisão; lá dentro imperava o “código”.

Muitos daqueles homens que ali se encontravam acabavam se acostumando a viver daquela maneira, afinal, não era possível ter muita escolha. As refeições vinham na hora certa, podiam assistir duas horas de TV por dia e tinham uma cama onde dormir. Pelo menos por isso eles não tinham do quê reclamar. Naquela penitenciária as celas não eram superlotadas como as outras que se vêem nos telejornais; Ali o Diretor fazia questão de manter apenas o número correto de presos por cela – Isto evita a violência e ajuda na segurança – Dizia.

Mesmo em meio àquele clima de tensão e insegurança ainda havia espaço para a amizade entre os presos. Não a amizade que é conhecida fora dos muros da prisão, mas a amizade que o “código” infligia; aquela que diz que é melhor você se dar bem com as pessoas porque não sabe quem vai estar às suas costas na fila do refeitório, nem quando vai precisar que te ajudem a afastar determinado detento que deseja te agredir. Assim era o “código” duro e seco.

- Quando eu sair daqui, eu já sei o eu vou fazer! – repetia Pedro novamente. Não se dando conta da conversa que corria um pouco atrás dele, nos beliches de sua cela, onde Martins e Peralta, seus companheiros de cela, trocavam informações.
- Tu viu, Peralta? A bagunça terminou antes mesmo de começar. – Disse Martins se referindo a uma rebelião que havia sido abafada

- há poucos dias. – Também, se não fosse o Pedro a gente tinha dançado na mão dos home.
- É, Martins, pode crê. Só por causa dele o chefe foi transferido pra outra jaula mais reforçada e o Saraiva tá vivo.
 - Esse Saraiva, hein? Ô diretorzinho fajuto. Se borrou todo de medo, tu viu? Também, quem mandou querer se meter logo com o chefe. Pena que o Pedro atrapalhou. Eu queria ver o Saraiva acabar quebrado.
 - Não diz isso não, Martins; não diz isso não. O saraiva é gente boa. A gente é que somo ruim. Tá lembrado da cara do chefe quando o Pedro chegou?
 - Ô, se tô. O cara nunca foi com a cara do Pedro, né mesmo?

-

Era uma manhã quente de agosto quando o ônibus com os novos presos entrou na Penitenciária Estadual. Trazia ao todo oito pessoas que haviam sido julgadas e condenadas pela justiça.

Assaltantes, contraventores, fraudadores e, entre eles, um que foi condenado por assassinato; Pedro era seu nome e durante toda a viagem ele foi o único preso que permaneceu calado e de cabeça baixa.

Ao descerem todos foram encaminhados para a sala onde receberam travesseiro e cobertor, número de série e foram levados para a cela.

Durante o trajeto alguns antigos presos se aproximaram para ver os “novatos”, entre eles se encontrava um homem grande e embrutecido que todos chamavam de “chefe” porque suas ordens eram sempre cumpridas pelos outros detentos. Seus cabelos pretos e lisos e sua pele um pouco morena davam a ele um ar de índio, por dentro do grosso bigode sua voz era gutural e forte, em seus olhos podiam se ver, a qualquer hora, o vermelho vivo do sangue e do ódio.

Pedro andava calmamente na fila quando uma mão forte e rude lhe bateu no peito, interrompendo sua caminhada, era chefe que lhe olhou diretamente nos olhos dizendo:

- Tô sabendo que tu matou um, mas acho que é de araque. Olha pra mim! – gritou puxando a cabeça de Pedro quando ele desviou o olhar para baixo – Já sabia. Tu é mole. Não me esquece. Quem manda aqui sou eu. E eu vou ficar de olho em tu. – saiu da frente e deixou a fila continuar.

Pedro se alojou na cela e permaneceu lá até a hora da refeição noturna, que era às 17:00h. As 18:00h todos deveriam estar nas celas e as 20:00h todas as luzes eram apagadas.

No meio da noite ouviu-se um barulho vindo de uma das celas próximas à de Pedro. Ele não sabia descrever o que era, apenas ouvia um barulho surdo de tumulto, muitos cochichos e depois apenas o silêncio, um silêncio ensurdecedor que parecia ser pior que o barulho anterior.

Pedro estava nervoso, já havia ouvido muitas coisas a respeito de prisões. Sem conseguir pensar direito nem dormir, apenas se virou de lado e começou a orar. Fez uma prece silenciosa, longa e pausada, uma conversa com Deus pedindo forças para passar por aquela situação sem maiores problemas, pedindo também a orientação e presença dos bons espíritos junto a ele – sim, Pedro era espírita – e depois adormeceu tranqüilamente sem ouvir mais nada até o amanhecer.

Preso no silêncio.

- Aê, Peralta? Tu lembra porque foi que o Pedro veio parar aqui? – perguntou Martins continuando a conversa.
- O povo dizia que ele matou um cara lá na igreja dele porque tava se metendo com a mulher dele.
- Eita, foi mesmo. Eu me lembro que ele disse que era daquele negócio de espiritismo e que tinha quebrado um cara lá dentro da igreja dele. O cara tinha muita coragem.
- Ó se tinha... principalmente pra peitar o chefe daquele jeito... o cara parece que não tinha medo de morrer.
- É, esses espírita deve ser tudo assim. Também, onde já se viu dizer que o povo depois de morto volta pra falar com a gente...
- Hahaha, essa é boa mesmo...

-

Duas vezes por semana Pedro comparecia a um dos Centros Espíritas de sua cidade e, juntamente com Leonor, sua esposa, e alguns amigos, trabalhavam nos serviços da casa. Atendiam os necessitados, serviam sopa com pão, visitavam idosos e crianças e participavam das reuniões públicas. Sua esposa, dotada de faculdades mediúnicas, trabalhava também como médium em uma das reuniões da casa, da qual Pedro participava como assistente.

Casados à quase trinta anos, ambos tinham na Doutrina Espírita o auxílio necessário para seus momentos de dor e para os esclarecimentos a respeito da vida e sua justiça, e, embora Pedro ainda precisasse sedimentar mais a Doutrina em seu coração, ele era um bom trabalhador.

Não tinham filhos, pois a esposa havia sofrido um aborto quando jovem e nunca mais havia engravidado; por isso mesmo eram muito apegados um ao outro, preenchendo seu dia com as necessidades do casal, convivendo harmonicamente Durante os anos de casamento.

Nos últimos meses, porém, Pedro vinha se desentendendo com a esposa e, constantemente, deixado de ir ao centro, faltando várias reuniões e encontros de assistência. Alegava que um de seus confrades na reunião mediúnica andava se insinuando para Leonor; e que, em nome da boa convivência, ele preferia não ir ao centro do que ir e causar discussões.

Leonor, médium de psicofonia, insistia com Pedro que deixasse de bobagem. Que o Jovem Lúcio, Doutrinador da reunião, apenas estava orientando-a em sua mediunidade como fazia com todas as outras pessoas que participavam da reunião; como havia, inclusive, feito com o próprio Pedro antes.

Lúcio, com suas orientações sábias e precisas embasadas na Doutrina Espírita, havia aprimorado o andamento da reunião, implementado técnicas corretas de trato com os espíritos sofredores, orientado médiuns sobre como sentir menos conseqüências em suas comunicações, orientado os participantes quanto a seus comportamentos e quanto a sua necessidade de vigilância.

Complementando seu trabalho no plano material, por diversas vezes os orientadores do plano espiritual haviam indicado, visando o bem dos participantes, métodos comportamentais e cuidados na ambiência mental, que poderiam evitar o convite aos companheiros desencarnados indesejados à convivência com os trabalhadores encarnados.

Entre estes trabalhadores, algumas vezes, Pedro havia recebido orientações quanto ao teor de seus pensamentos e que buscasse apoio em boas vibrações e na oração. Intransigente e irritado Pedro se afastava cada vez mais das pessoas do grupo, até o ponto que deixou de freqüentar a reunião e iniciou suas acusações sobre interesses escusos de Lúcio.

A freqüência de Leonor às reuniões eram motivos de discussões imensas quando de sua chegada em casa; e, nas últimas semanas, Pedro havia inclusive atingido a esposa com alguns empurrões e ameaçando a vida de Lúcio, quando esta chegou a falar sobre influência espiritual.

Bastante abalada e preocupada Leonor solicita no centro uma orientação espiritual, buscando indicações sobre o que fazer quanto a esta modificação no comportamento de seu marido. Em poucos dias, após a recepção da comunicação mediúmica, o resultado não a surpreende: Pedro está acompanhado de um espírito em sofrimento e desorientado; e necessita comparecer ao centro para que se possa iniciar um tratamento a base de reuniões doutrinárias, água fluidificada, passes, acopanhamento espiritual para encarnado e desencarnado e, o mais difícil, a busca pelo equilíbrio mental/espiritual de Pedro através do controle e vigilância de seus pensamentos.

Leonor, após alguns dias, consegue uma oportunidade de conversar com Pedro e explicar a situação. Para sua surpresa Pedro aceita tudo com muita naturalidade e tranqüilidade, quase frio diz que compreende o exposto e que irá, no outro dia, comparecer ao centro para resolver este problema, porém que não quer que Leonor vá com ele porque se sentirá incomodado com sua presença.

Ela exultante concorda com a colocação de Pedro e aguarda ansiosa pelo dia seguinte.

Leonor amanhece indisposta, sentindo-se um pouco mal e percebe que Pedro já havia partido cedo, ela lembrou que Lúcio estaria no atendimento

fraterno hoje e que talvez Pedro quisesse falar com ele logo cedo, antes de outras pessoas chegarem.

Após levantar-se e tomar uma ducha, quando vai descendo para a cozinha, o telefone toca. Imediatamente ela sente um arrepio invadir todo seu corpo, atende o telefone com a mão um pouco trêmula e, do outro lado, uma voz lhe diz:

- Leonor? Leonor é Jorge, do centro. – Ele nunca havia ligado para sua casa, qual seria o motivo para isso agora? – se pergunta Leonor.
- O-olá, Jorge. Em que posso ajudar?
- Leonor, é urgente. Pedro está aqui no centro...
- Sim Jorge, - interrompeu nervosa – diga logo!
- Ele está armado Leonor, atirou em Lúcio e está sentado na sala mediúnica, sem falar uma palavra, venha para cá urgentemente...

Mas Leonor já não ouvia o que Jorge falava. Sua cabeça estava girando e ela não conseguia firmar as pernas. Sentou no chão, desfalecida, sem sentir o leve influxo de energia que lhe era transmitido por um amigo espiritual que se encontrava ao seu lado, tentando acalmá-la e orientá-la quanto aos melhores encaminhamentos daquela hora.

-

O resto daquele dia e os dias seguintes pareceram passar para Leonor como se ela não estivesse vivendo-os, tudo parecia um filme de Tv que se pode desligar a qualquer hora.

A prisão de Pedro, seu encaminhamento para a cadeia, as acusações dos freqüentadores do centro, a solidão que ela enfrentava, tudo era por demais dolorido. Mas o pior de tudo era o silêncio de Pedro. Desde o ocorrido ele não deu mais uma palavra. Não importava o quanto Leonor ou outras pessoas tentassem conversar com ele, pedir explicações ou justificativas, ele somente calava.

Os únicos momentos em que Leonor sentia-se apoiada eram aqueles em que estava trabalhando na reunião mediúnica, a qual continuou freqüentando mesmo sob protestos de algumas pessoas, em busca de esclarecimento e conforto.

Os mentores espirituais da Colônia Alta Paz, a qual estava vinculada a casa espírita, se manifestavam em coros de apoio e consolação, solicitando forças e resignação para que tudo pudesse ser resolvido sem revolta ou desespero. E, sabedores dos créditos adquiridos por Pedro e Leonor em anos de trabalho no bem, comunicaram-se um dia diretamente com ela:

- Tem fé, minha filha. Sabemos que nada é por acaso – Disseram através da faculdade psicofônica de outro médium da casa – e que ninguém conhece os caminhos que abrimos para nós quando nos preparamos para a colheita inevitável do pretérito. Embora sob dolorosa influência de um sofredor do plano espiritual, nosso amigo Pedro recebeu as orientações carinhosas e fraternas que poderiam tê-lo auxiliado, reagindo a elas com impaciência e incredulidade, tal qual criança teimosa. Hoje, após fazer uma escolha muito séria, necessita de nossa colaboração e amor incondicionais. Oremos e enviemos boas vibrações para ele como também para o espírito a quem se encontra ligado por laços, ainda fortes, de dor e compromisso.

- Em outros tempos – esclareceram os benfeitores - Pedro foi um jovem mancebo pobre que se apaixonou por ti, Leonor, e te furtou da casa onde habitavas com o teu marido de outra vida, uma vez que tu também nutrias por ele os desejos de paixão e juventude incontidos. Alfredo, o teu esposo naquela vida, em sua fúria e busca violentas, termina por encontrá-los e, por fim, para que Pedro não morresse vítima da ira de Alfredo, tu te jogas em frente ao golpe fatal, dando a Pedro a chance única de fugir por sua vida, carregando a dor e a culpa de ser o responsável por tua morte e deixando Alfredo com o ódio, que os séculos não apagam, ardendo em seu peito.

- Anos mais tarde – continuam os mentores com tom inconfundível de afeto – quando já no mundo espiritual você, Leonor, e Pedro aceitaram receber Alfredo como seu filho nesta vida; de forma a compensar os erros cometidos para com ele e doar o carinho que seriam necessários para vencer os sentimentos negativos que nasceram daquela vida. Ele, porém, tão amarrado ao ódio e ao ressentimento não conseguiu vencer as suas limitações e desistiu da reencarnação no seio de vocês, sendo este o motivo do aborto espontâneo que você sofreu em sua juventude. Alfredo, ainda no mundo espiritual, retornou alguns anos mais tarde com o objetivo de separar o casal. Por vários anos ele tentou sem sucesso, até que alguns meses atrás, através da brecha que o ciúme de Pedro abriu, ele sintonizou de forma profunda com nosso amigo e o desfecho deste caso todos estamos acompanhando nos últimos dias. Renova as tuas esperanças, minha filha, e mantém teus braços firmes em serviço e o coração constante em oração, serve e confia que Deus e seus enviados nos auxiliarão de acordo com nossas necessidades e merecimentos. Fica em Paz. – Leonor, em lágrimas, orava agradecida.

Nestes momentos de apoio, bem como quando também servia de instrumento para os espíritos, ela conseguia sentir a presença de seu amigo espiritual, a confortá-la e sustentá-la com fluidos revigorantes.

Sabia que estava sempre acompanhada pelo amigo, mas somente conseguia paz de espírito suficiente para senti-lo naquela sala mediúnica, ironicamente, onde aconteceu a tragédia que marcou sua vida para sempre.

Eu sei o que vou fazer.

- Ô Martins, tu lembra que o Pedro não falava quando chegou aqui? Os mano ficaram até com medo do cara. Dizendo que, com esse negócio de espírita e matando um pra vir parar aqui, ele devia ter feito um pacto com o cão, lembra?
- Se lembro, cara. E foi até bom isso pra ele porque os outros não mexeram com ele quando ele era "carne nova". Os que chegaram com ele sofreram um bocado de noite. O cara se salvou legal.
- Foi mesmo. Eu ainda acho esse Pedro muito esperto. Será que era só fingimento dele?
- Nada, meu irmão. Teve um dia que veio uma dona fazer uma visita pra ele e desde esse dia ele falou.
- Tô lembrando, cara. E quando falou aí foi que o povo disse que ele endoidou de vez. Hahahaha.

-

Após algumas semanas na prisão Pedro tinha sua liberdade entre os demais detentos. Ninguém podia explicar porque os outros não se aproximavam dele, com exceção de Chefe, que de vez em quando esbarrava com ele no pátio e falava algumas palavras grosseiras, talvez tentando manter a sua liderança frente aos demais.

Pedro, porém, baixava a cabeça e seguia para o lado, em silêncio mórbido. Nem com os colegas de cela ele falava. E assim seguia a sua rotina: Acordava, tomava café, almoçava, ia para o pátio, jantava e dormia; dia após dia na mesma rotina. Sua advogada o visitou algumas vezes, sua esposa estava lá semanalmente, mas mesmo assim, não se ouvia a voz de Pedro.

Acaso os detentos pudessem verificar o que ocorria no interior de Pedro veriam que o seu silêncio era apenas externo. Afora as noites em que o choro escondido fluía de seus olhos, por dentro sua mente estava em constante prece e vibrações para o desencarnado Lúcio. Sua posição de arrependimento perante o fato e sua colocação em oração possibilitaram aos trabalhadores do plano espiritual agirem em seu socorro, mesmo que seu pensamento fosse repleto de culpa e remorso.

Amigos espirituais da colônia Alta Paz visitavam Pedro com certa frequência, e se colocavam em seu auxílio, criando, a partir das vibrações emitidas por ele, um campo fluídico, onde buscavam tranquilizar os ânimos dos companheiros embrutecidos, evitando, assim, que Pedro sofresse injúrias e lesões desnecessárias, além das que se fazia credor. Lembravam, estes trabalhadores, as palavras do Cristo quando citou nas escrituras "misericórdia quero, e não sacrifício"(Mateus 9:13).

-

Numa manhã de domingo, dia reservado à visitação pública, Pedro foi levado à sala de audiências esperando encontrar-se com Leonor. Sua presença sempre era muito agradável e confortadora, aqueles eram os melhores momentos de seus dias sofridos. Infelizmente, em seu íntimo, ele sentia muita vergonha, a ponto de não conseguir olhar em seus olhos para dizer isso.

Ouvira, entristecido, de sua voz doce e meiga a explicação do fato gerador desta terrível situação: uma vingança espiritual. Lembrava que muitas vezes fora orientado para vigiar os pensamentos, para melhorar sua vibração e deixou os avisos passarem. Deixou-se envolver, imperceptivelmente, por aquela sensação de raiva e ciúme que culminou com o ato terrível de matar um jovem inocente; hoje ele sabia. Queria tanto pedir perdão a Leonor, mas não tinha coragem.

Podia apenas continuar suas orações silenciosas pelo pobre rapaz, como também pelo sofrido Alfredo - agora ele sabia o seu nome - do qual ele não sentia mais a influência desde o dia fatídico. Lembrava daquele dia com muita nitidez, podia ainda sentir a sensação do ódio em seu peito e o coice da arma em sua mão e, após o disparo, o imenso vazio que sentiu. Sumira a raiva, sumira o ódio... tudo parecia não ter acontecido, mas o corpo caído em sua frente mostrava que era tudo verdade.

Naquela manhã, porém, algo estava diferente. Não era Leonor que queria falar com ele mas outra pessoa. Pedro tremeu interiormente ao perceber, já tarde demais para voltar, que, pelo semblante abatido que apresentava, aquela só podia ser a mãe de Lúcio, que agora estava sentada à sua frente. Medo, vergonha e remorso; todos estes sentimentos passaram por sua mente em um segundo que pareceu infinito, até que, quebrando o silêncio da sala, ela falou com uma voz pausada:

- Sente, senhor Pedro. Eu preciso falar com o senhor. - disse firme
- Você não me conhece. Meu nome é Lúcia e eu sou a mãe de Lúcio. - suspirou com os olhos nublados de lágrimas, porém se controlando.
- Quero deixar uma coisa muito clara para o senhor: embora todos os amigos do meu filho digam que o senhor estava sob influência de algum tipo de demônio ou coisa assim, eu não acredito! Para mim o senhor está utilizando isto como desculpa. - Pedro calado apenas olhava para baixo.
- Sou católica, e nunca aceitei este negócio de espiritismo com meu filho. Sempre disse a ele que deixasse esse ambiente, que aquilo não era coisa de Deus, e no final aconteceu o que aconteceu. Mesmo assim, sempre respeitei o que ele queria. Era o caminho dele.
- Meu filho era muito especial, senhor Pedro. Desde novo nunca gostou de fazer mal a ninguém, nunca foi desrespeitoso e nem

me deu desgosto na escola. Todos que o conheciam nunca tiveram do que reclamar dele, pelo contrário, ele sempre auxiliava as pessoas o quanto podia. – Fez uma pausa, como que contendo as lágrimas.

- Eu estava muito revoltada, senhor Pedro. Desejava inclusive matá-lo. Até que um dos amigos de meu filho me trouxe uma mensagem escrita por uma das pessoas que se reúnem lá no centro, uma mulher que dizem que ouve os espíritos. É uma mensagem muito bonita. Cheia de palavras que me deixaram melhor. E dizem que, mesmo estando ainda se recuperando, foi meu filho mesmo que ditou para ela mandar para mim. Eu não acreditei no começo, duvidei mesmo. Até que li de novo, e de novo, e vi que tinham coisas escritas ali que ninguém no centro sabia. Nomes de nossa família, locais e acontecimentos, apelidos íntimos e coisas assim. Tinha inclusive uma parte que dizia para eu ler o que estava escrito no Evangelho Segundo o Espiritismo cap 11, ponto 14; dizia até onde estava este livro de meu filho, em qual gaveta inclusive. – respirou fundo.
- Logo eu, que sempre detestei esse negócio de espiritismo, fui buscar o tal livro e ele estava lá no lugar indicado. Não imagino como esta mulher sabia onde ele estava, ou se era mesmo meu filho, só sei que li o livro, depois li de novo e entendi o que dizia lá. Ainda não sei se foi a alma de meu filho que me escreveu ou se é tudo uma grande mentira, mas, quem quer que seja, me ajudou muito. Eu não posso entender o que se passou, senhor Pedro. Não posso esquecer nunca o que o senhor fez; mas, em nome de Jesus, posso não sentir raiva do senhor e tentar lhe perdoar. – na face de Pedro rolavam lágrimas pesadas e ele agora olhava Lúcia nos olhos.
- Na mensagem dizia para eu lhe dar o livro. Aqui está – entregou para Pedro o livro velho e repleto de anotações de Lúcio – e que o senhor começasse lendo o capítulo 12, ponto 6. E espero que este livro lhe ajude como me ajudou. – se levantou e começou a retirar-se, quando de repente se vira como que esquecendo algo – O senhor foi condenado a 27 anos de prisão. Se for um bom detento pode sair em nove, que o advogado me disse. Se existe realmente algo de bom no senhor, e se o senhor quer pedir perdão pelo que fez, faça igual ao meu filho e ajude as pessoas. Tenho certeza que não vão faltar oportunidades. Deus lhe abençoe, senhor Pedro. Até nunca mais. – partiu deixando Pedro de cabeça baixa chorando e olhando para o livro em suas mãos; após alguns minutos ele ergue a cabeça, enxuga os olhos e fala decididamente:
- Eu já sei o que vou fazer!

-

O comportamento de Pedro mudou completamente após aquele encontro. Ao chegar na cela já deu boa noite aos colegas Martins e Peralta, que se entreolharam espantados, e ficaram com medo de dormir naquela noite, pensando que Pedro iria fazer algo de mal a eles.

Durante os próximos dias os outros prisioneiros puderam perceber uma radical modificação nos hábitos daquele homem estranho e recluso. Sorria, dava bom dia aos outros, se oferecia para auxiliar nos serviços da prisão e, o que eles achavam mais estranho, sempre que alguém estava com alguma dificuldade ele aparecia para ajudar.

Chefe, de longe, olhava para aquilo muito desconfiado e não deixava de dar esbarrões em Pedro e falar com grosseria quando se entreolhavam. Pedro, à noite, aproveitava para ler o evangelho do jovem Lúcio e meditar nas palavras do livro. No domingo seguinte conversou longamente com Leonor, contou o que acontecera e pediu desculpas entre lágrimas e soluços, e falou com firmeza - Eu já sei o que vou fazer quando sair daqui, Leonor, eu vou trabalhar para os necessitados.

Leonor sorria, ainda entristecida com a situação, mas confiante na mudança de Pedro. Meio sem jeito informou:

- O espírito Alfredo está se comunicando na reunião mediúnica e ele assumiu a sua influência no incidente gargalhando, se divertindo com o seu sofrimento, Pedro. Disse também que de vez em quando vem aqui na prisão apenas para olhar para você, porque você tem pensado muito nele, mas que agora está sozinho comigo, sem me dividir com ninguém. O doutrinador conversa longamente com ele, mas ele ainda está muito preso à raiva e, como não pode sair da reunião, fica calado escutando com cara de raiva.
- É, realmente tenho orado por ele, Leonor. Mas isso não é problema. Já sei o que vou fazer quando sair daqui.

A conversa continuou e logo chegou a hora de Leonor ir embora - Se cuide, Pedro, - Disse ela - você está melhor, mas ainda estou preocupada com você. - e despediu-se.

Nas trevas da ignorância.

- Peralta, tu lembra quando o Pedro começou a querer ensinar este lance de espiritismo pra gente? Meu irmão, eu quase morro de rir.
- Ô se lembro, Martins. Ele sentado aí na cama e lendo aquele livro dele em voz alta, depois explicando o que significava as coisas.
- Pois sim, eu uma vez disse pra ele que aquilo era pra quem era bom. Que nós somos ruim mesmo, não tem jeito mais não. Aí ele veio falar de uma tal reencarnação e eu disse: que é isso Pedro? Ta doido? Morreu acabou. Não tem mais nada não.
- Hahahahaha, eu lembro. Mas teve gente que comprou este peixe dele, não foi? Tinha até uns pessoal que ficava escutando ele na hora do pátio.
- Foi mesmo. Quem não gostou nada foi o chefe. Aí o bicho pegou...

-

Pedro havia sido chamado pelo diretor da instituição penal para uma conversa. Todos estranharam quando isto aconteceu porque somente quem "aprontava" era chamado para conversar com "o Saraiva", como os presos chamavam o diretor.

Pedro não era disso. Era "gente do bem" como alguns chamavam. Muitos nem se lembravam daquele homem calado e silencioso que havia chegado ali alguns meses atrás, hoje ele se dava bem com todos, ou quase todos.

- Bom dia Diretor Saraiva, o senhor mandou me chamar? – perguntou Pedro com a cabeça baixa
- Sim, Pedro, mandei. – falou o diretor como se tivesse pressa – Acho que nós nos vimos apenas umas duas vezes, não foi isso?
- Sim, senhor.
- Pois bem, Pedro. Eu sou uma pessoa muito ocupada e vou ser rápido com você. Quero dizer que nossos guardas tem observado a sua mudança de comportamento e me relatado que você está se entrosando melhor com os outros.
- Sim senhor, é verdade.
- Correto. Porém, quero ter certeza que você saiba de algumas coisas, por isso lhe chamei aqui. – advertiu o diretor – Nós estamos em uma prisão, Pedro, e em uma prisão temos todos os tipos de pessoas. Desde as acusadas injustamente até os reincidentes violentos e psicopatas. Vi pela sua ficha que você matou um homem em uma casa religiosa, não é isso?
- Sim, senhor. – disse Pedro após um momento de silêncio.
- Em qual deles você está? – perguntou o diretor rápido
- Não entendi senhor. - Estranhou Pedro – como assim?
- Qual dos dois tipos é você, rapaz?

- Nenhum dos dois, senhor. – respondeu Pedro com firmeza – Não sou inocente, mas também não sou psicopata. Sou apenas alguém que fez uma escolha errada e que está arrependido.
- Muito bem, era isso que eu queria saber.
- Não entendi, senhor? – atreveu-se a perguntar Pedro
- Eu precisava olhar nos seus olhos, Pedro, e ver qual é a sua. Temos grupos lá embaixo que estão unidos querendo fugir, outros estão juntos querendo pegar algum inimigo em comum, outros ainda conversam e definem o que vai acontecer com o crime do lado de fora daqui, e você está formando um grupo de presos. Eu precisava saber de que é este grupo realmente. – Pedro ficou calado por um tempo, depois falou:
- É um grupo de estudo, senhor. Estamos estudando espiritismo.
- Pedro, escute bem, não me importa se você é espírita, umbandista, crente ou o quê. O que me importa é que você não arme nada para prejudicar a instituição, entendeu? – Pedro fez que sim com a cabeça.
- Ótimo. Continue seu estudo e veja se pode colocar um pouco de juízo na cabeça destes homens. Ensine a eles sobre convivência fraterna e paz; sobre perdão e arrependimento; sobre causa e efeito e reencarnação. – Pedro estranhou as palavras do diretor e falou espantado:
- O senhor é espírita?
- Desça, Pedro. Continue com seu grupo – disse o diretor com um leve ar de riso e uma expressão cortês.

Enquanto descia Pedro acreditava haver entendido o motivo de porque naquela prisão as celas não eram superlotadas e os guardas, embora rígidos, não eram brutos. Porque o tratamento dado aos presos era correccional e não punitivo e até porque havia trabalhos manuais e cursos para os que quisessem participar. – O diretor pode até não ser espírita – pensou ele – mas é um bom homem.

-

Nas semanas seguintes, em um dos dias em que o grupo estava reunido no pátio, na hora da recreação, escutando Pedro explicar algum dos trechos de "o Evangelho Segundo o Espiritismo", Chefe aproximou-se do grupo enquanto Pedro falava:

- Eu, por exemplo, já sei o que vou fazer quando sair daqui. Vou me dedicar ao auxílio aos mais necessitados, lembrando o que nos ensina o evangelho de Cristo: "o amor cobre a multidão dos pecados"(1Pedro 4:8) e, todos nós, meus amigos, todos nós erramos muito e precisamos consertar o nosso erro.
- Ei, araque, - falou ríspido Chefe – eu vim te dar um recado. – enquanto ele se aproximava os outros presos se afastavam.
- Claro, amigo, pode se aprox... – não teve tempo de terminar a frase. Uma série de golpes violentos foram desferidos em seu

rosto e abdômem. Queria pedir socorro mas não deu tempo. Antes que qualquer um dos guardas pudesse notar Pedro estava jogado ao chão semi-consciente e chefe falou com desprezo: pare de juntar gente. Eu não quero isso! – e olhou ao redor para os homens parados e com medo dizendo – vão embora. Deixa ele aí. – e somente quando os outros detentos saíram de perto ele se afastou deixando Pedro sangrando e machucado no chão do pátio.

No plano espiritual Alfredo ria muito, abraçado a Chefe, que, embora acreditasse que havia feito aquilo porque detestava Pedro desde o primeiro momento, havia sido instrumento de uma influencia sutil que vinha sendo preparada há alguns dias.

-

- Pedro, acorde, me diga o que aconteceu? – perguntava o diretor enquanto Pedro recobrava a consciência na enfermaria da Penitenciária. Com o rosto inchado, apresentando alguns pontos, e o corpo dolorido. Ele havia ficado desacordado por algumas horas. Lembrava do fato com uns flashes, sem ter a lembrança total do ocorrido, mas entendera o recado que lhe foi dado.
- Não foi nada diretor. Eu escorreguei, caí e me machuquei. – O diretor tinha idéia do que havia ocorrido, mas não poderia fazer nada sem a colaboração de Pedro ou de outros detentos.
- Pedro, eu preciso de sua ajuda. Tenho até idéia de quem tenha feito isso, tem um grande encrenqueiro aqui dentro mas os detentos tem medo dele e não querem acusá-lo de nada. Me ajude!
- Não posso senhor. Não foi culpa de ninguém. Foi minha mesmo. – O diretor saiu sem dar mais uma palavra, notadamente irritado.

No domingo seguinte Leonor, em visita, se espanta com o estado de Pedro e, preocupada, pergunta se não há nada que possa ser feito.

- Não, Leonor. - Responde Pedro – temos apenas que esperar o tempo correto em que seu sairei daqui, porque já sei o que vou fazer quando sair. Vou trabalhar mais ainda no centro.
- Pedro, querido, esta é uma das coisas que quero conversar com você. Você está com o pensamento muito fixo nesta saída, nós aprendemos com o espiritismo que todo pensamento fixo é um problema, Pedro. Ainda falta muita coisa para tal tempo, é importante que você viva o presente e se preocupe em produzir hoje, porque o tempo de mais oportunidades que vivemos é o agora. – comentava Leonor, inspirada por um amigo espiritual que visitava Pedro juntamente com ela, vindo da colônia Alta Paz, tentando alertar Pedro para que cuidasse de seus pensamentos – não se preocupe com o futuro, ainda não aconteceu. Precisa plantar as sementes hoje, você não sabe? Lembra que Jesus

disse “não vos preocupeis com o dia de amanhã” (Mateus 6:34)? Nossas preocupações principais, hoje, são você ficar bem e tentar levar um pouco de conforto a estes homens aqui, Pedro.

- Olhe como estou, Leonor. – disse Pedro ríspido – se eu continuar trabalhando aqui dentro posso acabar morto. O homem que fez isso desde o dia que cheguei que me detesta, acha que sou seu concorrente só porque cometi o erro de atirar no pobre Lúcio. Eu não posso continuar fazendo pelos outros, correndo o risco de morte, posso?
- Pedro, meu amor, - falou Leonor com tom maternal – lembra do exemplo do Cristo? Lembra dos vários que viveram suas vidas em favor de um ideal e venceram as dificuldades do caminho?
- E de muitos mais que morreram na arena e nas fogueiras, não é? – disse sarcástico – Preciso me cuidar, Leonor, quando sair daqui já sei o que vou fazer.

Leonor viu que naquele momento não adiantava argumentar. Provavelmente porque as marcas estavam muito frescas e o medo muito forte, era necessário tempo para fechar aquelas feridas e sanar a angustia interior que assolava Pedro. Calou-se, conversaram sobre outras coisas mais e despediu-se.

-

Nos dias seguintes ainda se podia ver Pedro com o livro que pertencera a Lúcio em suas mãos. Todos podiam ver que lia e meditava sobre o que estava lendo, mas sem comentar com ninguém, os presos que se aproximavam tentando continuar com seus estudos eram afastados com carinho, quando Pedro argumentava que “era tarde”, “estou cansado”, “tenho dor de cabeça” ou outras desculpas.

Chefe, que sempre acompanhava Pedro com olhares de longe, se sentia vitorioso por ter colocado o medo em seu coração. No plano espiritual os amigos ainda buscavam auxiliá-lo, porque ele continuava em preces pelos envolvidos na tragédia; se ressentiam, porém, da perda do seu estímulo para trabalhar e se preocupavam cada vez mais com a sua fixação no futuro, na hora de saída da instituição penal, esquecendo os necessitados de agora e as oportunidades que está perdendo em resgatar, com amor e serviço, os erros de seu passado e presente.

Na intimidade de sua cela, Pedro olhava o mundo através da janela e pensava : Eu já sei o que vou fazer quando sair daqui.

Silêncio em momentos de dor.

- Peralta, tu te lembra quando o chefe mandou outro recado pro Pedro?

- Se lembro. O cara ficou amarelo na hora. Parecia que tinha visto uma daquelas almas que ele falava. Hehehe.

- Foi mesmo. Mas também o chefe não dava uma folga pro cara, meu. Tava sempre querendo implicar com o coitado.

- E o Pedro nunca fez nada pra prejudicar o homem, até escondeu que foi ele que deu uma surra nele, não foi?

- Foi, mas o chefe é assim mesmo, não tem consciência não. Só quer saber de se dar bem.

- É, cara, e nessa onda foi o Pedro que se deu mal.

- Pois é.

-

Quase um mês havia se passado desde que Pedro voltara a seu estado de solidão. Poucas vezes ele andava conversando com as pessoas no pátio e quando isso acontecia tomava o cuidado de não tocar no assunto Espiritismo. Leonor, percebendo isso e encontrando nesta situação uma opção de trabalho, conseguiu a permissão diretor da prisão para trazer um grupo de espíritas aos domingos para conversar com os presos.

Para Pedro foi muito bom, porque pôde rever alguns amigos do centro e escutar os postulados da doutrina, embora, sempre sob o olhar severo de chefe, ele não participasse ativamente das explicações.

Com pouco tempo o grupo estava sendo prestigiado com a presença de diversos presos e, para o espanto de todos, dois deles pediram que trouxessem livros espíritas para que eles pudessem ler durante a semana. Leonor ficou muito alegre com esta situação, pois representava uma possibilidade de auxílio para aqueles homens que estavam naquela insituição.

Pedro, indiferente a esta novidade, conversava com os amigos do grupo e contava dos planos que tinha para quando saísse dali. Algumas pessoas escutavam com muita atenção e calavam, Leonor e mais alguns, aproveitavam para lembrar que o futuro está ainda distante e que "agora" é a hora de agir. Mas Pedro, insistia em dizer: Quando eu sair, Leonor, quando eu sair eu já sei o que vou fazer.

Leonor, estava muito preocupada com a forma que aquele pensamento estava se fixando na mente de Pedro. Lembrava a ele que o pensamento fixo, em qualquer objetivo, paralisa muitas das possibilidades de evolução do ser humano, levando muitas vezes, a estados debilitados de consciência, psicopatologias e coisas assim.

Pedro, indiferente, continuava dizendo: não se preocupe querida, quando eu sair daqui tudo será diferente. Agora eu já sei o que fazer.

-

Ao final daquela semana, no sábado, enquanto estava lendo em sua cela, Pedro recebe a visita de Tenório, um prisioneiro que havia participado do grupo que Pedro formara e que agora estava estudando com Leonor e os outros trabalhadores.

- Olá Pedro. – disse Tenório com um nervosismo incomum na voz.
- Olá, Tenório. Que novidade. A que devo a visita? – brincou Pedro.
- Pedro, o caso é sério – interrompeu o visitante – o Chefe mandou outro recado para você. – Ao ouvir aquele nome Pedro empalideceu e ficou meio que paralisado. – Você está ouvindo? – perguntou Tenório
- E-estou, d-diga logo. – adiantou Pedro.
- Chefe disse que você fique fora dos planos dele, que ele está indo embora daqui, mas que você fique na sua, entendeu?
- E porque logo você veio me dizer isso?
- Ele disse que em mim você iria acreditar. Olha Pedro, eu não sou ruim não. Também não vou nessa do chefe, mas não quero que aconteça comigo o que aconteceu com você. Por isso que eu vim, entende?
- Entendo, Tenório, entendo sim. – sua mente voltava algumas semanas e ele se lembrava do acontecido. – pode ir, Tenório. Diga a ele que eu não vou dizer anda a ninguém, que ele fique tranqüilo.
- Não posso, Pedro.
- Porque? - Perguntou Pedro apreensivo.
- Ele disse para você ir falar com ele amanhã de manhã, antes do horário de visita. – e saiu sem se despedir, deixando Pedro para trás envolto em seus pensamentos, sem saber o que iria acontecer, mas com medo de não ir e acabar recebendo mais maus tratos daquele detento tão violento.

Pela primeira noite, deste que chegou àquela prisão, Pedro não dormiu. Muito embora o amigo espiritual que o acompanhava estivesse aplicando-lhe energias tranquilizantes, sua mente estava muito ativa. Com muito medo.

-

Naquela manhã de domingo Leonor havia acordado com um sentimento incomum em seu coração: Uma calma que havia muito tempo ela não experimentava. Se aprontou, como de costume, e aguardou os amigos que a pegariam para ir à prisão.

Estava alegre com o resultado das últimas visitas. Parecia, para ela, que alguns daqueles homens somente precisavam de alguém que os orientasse, informasse o caminho correto e as verdadeiras causas das aflições que trazemos em nós mesmos. Lembrava da frase de Madre

Teresa de Calcutá: "No mundo há muito mais fome de amor e apreciação do que de pão".

Realmente, no decurso de seus trabalhos com o grupo no meio daqueles detentos, percebeu que, como tantos que estão sobre a terra, muitos daqueles homens não são maus; apenas não receberam orientação. Não cabia a ela julgar se a culpa era do governo, da sociedade, da família... apenas cabia a obrigação que Jesus houvera lhe outorgado: Amar ao próximo, buscar auxiliar no que fosse possível, para que aquele próximo também pudesse conhecer a verdade que liberta.

Sabia, no fundo de sua alma, que por maior que fosse o trabalho realizado por ela ou por vários grupos, não iria resolver os problemas do mundo; assim como um prato de comida não acabará a fome; um agasalho não resolverá o frio; um remédio não exterminará a doença. Mas para aqueles que receberem fará muita diferença. Para aqueles, Leonor sabia, ela seria o que "deu de comer quando tive fome, de beber quando tive sede, de vestir quando estava nu. Que visitou quanto estava enfermo ou nos cárceres"(Mateus 25:35); e esta consciência fazia com que Leonor pudesse dormir em paz, à noite. Porque não há sono mais tranqüilo do que o da consciência limpa.

Chegaram seus amigos e juntos se dirigiram para o presídio. Ao chegar nas imediações da instituição todos notaram que havia algo de incomum, Muitas das pessoas que visitavam os detentos aos domingos se aglomeravam em frente aos portões, que estavam barrados por muitos policiais.

Leonor logo desceu do carro e correu para os portões a fim de obter informações sobre a causa deste tumulto tão grande.

- Alguns presos iniciaram uma fuga e foram descobertos. - Disse um dos guardas que estavam barrando os portões do presídio - Eles agora estão armados e com reféns. Ninguém entra nem sai, até que a situação esteja solucionada, madame.

Leonor sentiu o mundo girar, ficou tonta e caiu.

-

Já havia algumas horas que a situação estava inalterada. Do lado de fora os familiares, em angustia, ansiosos por alguma notícia de seus entes queridos, pareciam estar em um terreno de guerra. Carros militares, viaturas, homens armados e muita tensão estavam em frente ao presídio.

Do lado de dentro alguns presos armados, liderados por Chefe, exigiam um carro e dinheiro, para libertar os reféns e fugir dali. Ninguém sabia quem estava entre esses reféns, nem quantos eram. Provavelmente

muitos deles eram policiais ou agentes penitenciários que estavam de serviço no presídio naquela manhã. Também não se sabia quais os presos estavam envolvidos nesta situação, o que tornava todos os detentos culpados, e piorava a situação para os familiares do lado de fora.

No mundo espiritual a movimentação era intensa. Amigos espirituais das famílias ali presentes, estavam unidos em prece e vibrações para todos os envolvidos nesta situação. Um grupo de mentores havia entrado no presídio para tentar amenizar a psicofera, dominada por revolta e ódio, que pairava dentro da instituição. Muitos espíritos infelizes e revoltados gritavam em balbúrdia no interior do presídio, influenciando os detentos a se revoltarem cada vez mais.

Muitos dos que não estavam participando deste ato haviam sido batidos e espancados pelos que desejavam a fuga. Eram vistos como traidores e, do lado de fora, podiam-se escutar os gritos de dor que vinham destes homens.

Chefe, o líder da revolta, gritava ordens lá de dentro e desafiava a polícia constantemente. Havia mandado fazerem uma barreira de presos, não revoltosos, nus e amarrados na frente do portão, para o caso da polícia tentar entrar. Acaso pudessem ser vistos os seus arredores, pelos olhos do mundo espiritual, encontrar-se-ia Alfredo rindo muito e ligado por laços fluídicos a ele. O ambiente fluídico na sala onde os revoltosos se encontravam era pesado e escuro. Os próprios mentores tinham dificuldade de se locomoverem lá dentro e, embora lançando fluidos benéficos e tranquilizadores, muitos não atingiam os seus alvos, tamanha era a influência negativa sobre aqueles homens.

Leonor, acompanhada por dois amigos, não saía de perto do portão. Quando, de repente, um prisioneiro aparece em cima da amurada, com as mãos atadas a uma corda longa, que impedia que ele pulasse para o lado de fora, e o rosto macerado de pancadas. Era Pedro, que diz com uma voz trêmula:

- E-ele diz que n-não vai desistir. Que prefere m-morrer do que se entregar – seus olhos correm a multidão em baixo e encontram Leonor aflita, olhando para ele de volta, sem poder fazer nada. – Ele quer falar com o diretor Saraiva pessoalmente, se ele não vier – fez uma pausa – diz que vai matar um refém a cada dez minutos. – Olha para Leonor novamente e diz – Eu te amo. Quando eu sair a gente conversa. – é puxado violentamente para dentro.

A movimentação do lado de fora aumenta. O diretor chama os homens do batalhão especial e diz para se prepararem. A angústia dos familiares é imensa e o desespero começa a tomar conta das pessoas enquanto a polícia aumenta o perímetro de cerco do presídio, forçando as pessoas a recuarem mais 100 metros para trás. Os familiares choram, prevendo que

alguma ação drástica será tomada em poucos minutos. A sensação de impotência e o silêncio da expectativa são, naquele momento, os piores sentimentos que poderiam experimentar.

De longe podem ver o diretor se preparando para entrar, coloca colete, capacete, roupa de proteção e sua arma. Nas paredes da instituição e nos telhados podem ser vistos homens do esquadrão de elite da polícia preparados para entrar em ação ao comando do diretor. No ar dois helicópteros fazem um balé sinistro ao redor do presídio, como aves de rapina cercando sua presa. A tensão aumenta e, num momento que parece uma eternidade, o portão é aberto e o diretor entra.

Segue-se o silêncio. O mortal silêncio da incerteza e do desespero. Nos olhos de todos os familiares, ali presentes, as lágrimas param por alguns momentos, como que alimentando a esperança de tudo terminar sem maiores problemas.

Tiros. Agitação. A polícia está invadindo o prédio. Bombas de gás e efeito moral, dos helicópteros atiradores de elite disparando suas armas e o desespero, angústia e dor do lado de fora. O pior aconteceu.

-

Os jornais diários daquela cidade, no outro dia, traz estampada, entre várias, a seguinte notícia:

“ Prisioneiro salva vida de diretor.

Após várias horas de cerco policial, devido a uma revolta dos prisioneiros, o diretor da Penitenciária Estadual, Roberto Saraiva, entrou para negociar a libertação dos reféns e retorno dos prisioneiros às suas celas. Uma vez lá dentro foi cercado por detentos que o seguraram, mesmo com a polícia do lado de fora em estado de alerta, enquanto o líder da revolta Ferdinando Martins, conhecido como “chefe”, se preparava para disparar contra ele com uma pistola. Neste momento, um dos presos que estava também como refém, se atirou contra o “chefe”, interceptando o projétil e derrubando-o com seu corpo, o que deu tempo ao diretor de recuperar a arma e autorizar a entrada dos policiais para a operação de retomada da instituição penal.

Após alguns minutos de tensão a instituição estava novamente sob o controle do diretor Saraiva, que libertou os reféns e imediatamente colocou os prisioneiros sob custódia severa, no pátio da penitenciária.

Após a solução do impasse o líder da revolta foi transferido para uma instituição de segurança máxima, em outra cidade, e os

outros revoltosos sofreram aplicações de aumento em suas penalidades e isolamento, por motivo de segurança.

Quanto ao detento, que auxiliou no processo de retomada da penitenciária, o heróico diretor comentou o que segue: “Sua atitude foi muito louvável. Sem sua participação certamente teria sido mais difícil a retomada do controle da situação”.

O detento Pedro Álvares de Alencar, único a perder a vida em todo o processo, morreu imediatamente quando do tiro disparado por “chefe”. Quando procurados por este repórter seus familiares não quiseram expressar nenhum comentário para este jornal”.

Leonor termina de ler a notícia e não consegue deixar de pensar como o que está relatado ali não faz justiça ao ato de Pedro.

Dobra o papel e coloca junto aos objetos pessoais de Pedro, coisas que foram devolvidas pelo diretor Saraiva quando do enterro de seu marido.

O enterro foi simples. Poucas pessoas vão a enterros de presidiários. Mas Leonor tem a consciência que apenas o corpo físico descansa ali, naquela cova; o espírito de Pedro está em algum lugar, colhendo os frutos que plantou.

Leonor fecha os olhos e faz uma prece ao Senhor pedindo que ampare e auxilie Pedro nesta etapa; pois acredita que ele vá precisar muito.

Guarda as coisas que tem em mãos no armário em seu quarto, deita-se e fecha os olhos para dormir. Amanhã é outro dia.

Ao seu lado, enquanto um espírito amigo aplica energias tranqüilizadoras em Leonor, dois amigos espirituais recolhem informações a respeito de Pedro para estudar o caso mais profundamente.

Esperança de um futuro.

- Quando eu sair daqui, eu já sei o eu vou fazer! – repetia Pedro novamente. Olhando o horizonte através da pequena janela, não se dando conta da conversa que corria um pouco atrás dele, nos beliches de sua cela, onde Martins e Peralta, seus companheiros de cela, trocavam informações.
- Tu viu, Peralta? A bagunça terminou antes mesmo de começar. – Disse Martins se referindo a uma rebelião que havia sido abafada há poucos dias. – Também, se não fosse o Pedro a gente tinha dançado na mão dos home.
- É, Martins, pode crê. Só por causa dele o chefe foi transferido pra outra jaula mais reforçada e o Saraiva tá vivo.
- Esse Saraiva, hein? Ô diretorzinho fajuto. Se borrou todo de medo, tu viu? Também, quem mandou querer se meter logo com o chefe. Pena que o Pedro atrapalhou. Eu queria ver o Saraiva acabar quebrado.
- Não diz isso não, Martins; não diz isso não. O Saraiva é gente boa. A gente é que somo ruim. Tá lembrado da cara do chefe quando o Pedro chegou?
- Ô, se tô. O cara nunca foi com a cara do Pedro, né mesmo? – E continuaram a conversa, lembrando os fatos que aconteceram desde o dia em que Pedro entrara naquela penitenciária até o seu desencarne, há poucos dias.

Não tinham a mínima noção que, alí mesmo em sua cela, Pedro estava em pé, pensando, sentindo e observando o mundo. Continuava vivo, porém em uma dimensão diferente da de Martins e Peralta. Os homens normalmente tem a ingênua credulidade que tudo que existe pode ser tocado, visto ou ouvido; fazendo assim parte do limitado mundo físico da matéria bruta.

A vida, porém, e a ciência, hoje, provam que muitas vezes estamos em contato com um mundo que ainda não compreendemos. Um mundo para-físico que caminha ao lado do mundo físico, e que com ele troca experiências e influências: o mundo espiritual.

Sendo conhecido desde os primórdios do homem, este mundo que pré-existe a tudo e que continuará existindo quando nos formos, é a fonte de todas as lendas e crenças em deuses, deusas, espíritos e milagres que formam o nosso atavismo religioso.

Enquanto estamos encarnados saímos temporariamente deste mundo e passamos a fazer parte da população encarnada da Terra. Devemos então buscar a nossa melhoria íntima, crescimento espiritual e pessoal, realizando o bem ao nosso próximo objetivando o bem de toda a coletividade. São objetivos difíceis e que requerem muita

dedicação. Por este motivo Deus não nos deixa desamparados e designa um dos habitantes deste mundo espiritual, um espírito amigo, que nos auxiliará em nossa jornada, nos inspirando para o bem.

Por outro lado, temos também a companhia daqueles que convidamos para nosso convívio durante as nossas muitas existências. Pessoas encarnadas e desencarnadas com quem alimentamos laços de ternura ou de rancor. Que nos amam ou que tem por nós sentimentos negativos e sombrios. A lei diz que estas pessoas são atraídas a nós por uma similaridade de sentimentos e energias, nos auxiliando ou desejando nos prejudicar, de acordo com os sentimentos que nutram em si, em concordância perfeita com o que nós lhes enviamos hoje ou no passado.

A morte do corpo físico não transforma as pessoas em outras diferentes, somos todos as mesmas pessoas, com os mesmos amores e ódios. Apenas perdemos a capa física que nos permite interagirmos de forma visível com os encarnados. Até porque, ao perdê-la, com a desencarnação, continuamos interagindo; apenas não somos vistos.

Utilizemos, pois, os ensinamentos do Cristo para que possamos enveredar pelo bom caminho do trabalho e da redenção, plantando hoje as sementes que darão flores e frutos em nosso futuro, para que em nossas próximas vidas possamos colher os tesouros das boas companhias.

-

Na mesma cela de prisão em que os dois amigos não percebiam a presença de Pedro, e em que este parecia estar alheio a tudo ao seu redor, estavam também dois amigos espirituais, vindos da colônia Alta Paz, que não eram percebidos por nenhum dos três homens presentes naquela cela.

Um, de aparência mais jovem, parecia impaciente em iniciar algo que ainda não sabia o que era; o outro mostrava um brilho intenso e tranqüilo, tinha a pele negra, uma veste branca simples: camisa e calça que lembravam as roupas vestidas pelos antigos escravos nas senzalas, andava descalço e falava sem pressa, com olhos que pareciam de um sonhador:

- Este é o nosso amigo Pedro. Ele necessita de nosso auxílio, pois, embora desencarnado, não tem ainda a consciência de seu estado de Espírito. - O de aparência mais jovem pergunta ao outro:
- Se Pedro agora é espírito como nós, como pode ele não nos perceber?

- Pequeno amigo, embora esteja em nosso mundo espiritual, Pedro ainda está ligado aos interesses anteriores, quer sejam materiais ou psicológicos, eles o dominam e desta forma não consegue nos perceber.

- Não compreendo, poderia me explicar melhor?

- Claro, claro. – respondeu bondosamente – acompanhamos o caso de Pedro que cedeu ao impulso do assassinato sob influência de um obsessor.

- Sim, em me recordo – disse o espírito mais jovem baixando a cabeça com pesar.

- Pois bem, mesmo havendo se arrependido sinceramente, após o fato, e buscado o auxílio na prece, o que, sem dúvida, teve dois efeitos muito benéficos para ele, sendo o primeiro a boa energia que dispensou à sua vítima com suas orações, auxiliando em seu processo de recuperação no mundo espiritual; e segundo a quebra da possibilidade de sofrer maiores influências por parte de Alfredo, que desejava ainda mais vingança.

- Sim, entendo isso. Mas não compreendo porque não nos consegue perceber, se melhorou sinceramente em seus sentimentos?

- Alfredo, o obsessor, encontrou novo sofredor para obsidiar, na figura do detento chefe, lembra-se? – fez que sim com a cabeça – Desta forma – continuou o benfeitor – Alfredo encontrou nova oportunidade de prejudicar Pedro. Que mesmo não cedendo à raiva ou a vingança, se isolou em seu mundo interno novamente, fixando o pensamento nos dias do porvir, na esperança de sua saída daqui.

- Sim, lí a respeito deste processo nos laudos que me passaram antes de vir visitar Pedro – respondeu o jovem.

- Desta forma, pequeno amigo, o nosso Pedro conseguiu se defender de Alfredo internamente, mas também cortou todas as possibilidades de se recuperar e ser mais auxiliado pelo plano espiritual, tornando suas idéias pouco maleáveis e fixas em um objetivo que não era o dele, compreende? – respondeu positivamente.

- Em sua fuga interior criou uma realidade fixa, da qual ainda não conseguiu se libertar. O fato de haver desencarnado de forma tão abrupta e inesperada fez com que não conseguisse libertar sua mente das preocupações e ambições anteriores; ficando como que preso em um laço psicológico que apenas ele poderá desfazer, com o tempo.

- De quanto tempo estamos falando? – perguntou o mais jovem

- Podem ser dias ou séculos. – respondeu com tristeza – Embora eu pessoalmente acredite que, no caso de nosso amigo Pedro, não vá demorar tanto assim.

- Porque? – indagou como quem tem grande esperança na resposta.

- Por um motivo de justiça. De confiança na Justiça Divina, meu amigo. Embora tenha errado muito e até criado para sí esta situação difícil, o nosso amigo não é um homem mal. É um homem que errou, como todos erramos, e que se arrependeu sinceramente de seu erro. Dentro dele ele guarda a luz da consciência e o desejo do bem, estas

forças unidas poderão, acredito que em pouco tempo, trazer o nosso Pedro de volta para nós.

- Entendo, entendo.

- Por este motivo, meu amigo, os mentores de nossa colônia autorizaram que você prestasse o socorro da aplicação de fluídos benéficos em nosso Pedro. Com sua ajuda ele poderá se recuperar bem mais rápido do que o faria sozinho.

- Eu entendo. E estou pronto para acompanhar o Pedro diariamente com a aplicação dos passes revigorantes e curadores, repletos da benção dos espíritos superiores e do meu próprio carinho.

- Muito bem, - respondeu o amigo espiritual - que bom que Pedro pode contar com o teu amor, assim como pôde contar com o teu perdão pelo mal que te fez, tirando a tua vida no ato impensado que o trouxe até aqui. Esta agora é a tua missão **LÚCIO**.

Em casa de Marcos.

- Mãe cheguei! – Gritou Marcos enquanto jogava a bolsa escolar em um canto da sala e se dirigia a geladeira de onde pegou uma garrafa com água.
- Não encha a barriga de água, Marcos, - falou a mãe que estava na cozinha – porque o jantar está quase pronto e você vai perder o apetite. – Justificou. – Como foi na escola hoje?
- O mesmo de sempre, né mãe... a mesma baboseira, a mesma chatice e os mesmos professores babacas que não largam do meu pé. – falou irritado o menino
- Foi bom você falar nisso, querido, eu estava realmente querendo conversar com você. – Sentou a mãe e fez um gesto carinhoso para que o garoto sentasse também. – Você sabe que eu sou sua amiga, não sabe? – Marcos a olhava como quem está com pressa e quer ir embora, obviamente sem se sentir a vontade com a conversa.
- Sei. – respondeu seco e rápido
- Então você sabe que pode se abrir comigo, não é meu anjo? Eu tenho andado preocupada com você, Marcos, suas notas estão caindo e os seus professores estão conversando comigo para saber o que está acontecendo. – o menino virou o rosto com irritação e a mãe o puxou gentilmente. – olhe para mim, Marcos, eu quero conversar com você – deu-lhe um cheiro no rosto e disse:
- Marcos, meu filho, você bebeu? Estou sentindo cheiro de bebida em você.
- Bebi mãe, Bebi! Fiquei com uns caras da escola depois da aula e a gente foi dar um rolé. Ah – disse como quem quer desconversar – Amanhã tem rave e eu vou com a galera, falou? Deixa algum dinheiro pra mim que eu tô duro.
- Marcos eu já te disse que isso não está certo, filho, estas festas e você voltando só no outro dia cheirando a bebida; e ainda tem estes seus amigos... não sei não, Marcos... precisamos conversar sério sobre isso, meu filho.

- Mas eu não quero conversar sobre isso de novo mãe! Já disse que não tem nada de errado comigo. Nada! - bradou o menino irritado.

Neste mesmo instante, e sem que ambos pudessem ver, um senhor que havia acompanhado a conversa desde o início, principalmente porque havia sido a causa da mesma, pois momentos antes de Marcos entrar em casa o senhor, que já estava lá, havia inspirado estes pensamentos à sua mãe, saiu do canto da cozinha e se aproximou de Marcos, pousando gentilmente as mãos nos ombros do garoto aplicando-lhe fluidos tranquilizadores, o que fez com que Marcos se sentisse mais calmo, pois singelamente a presença daquele espírito foi despertando lembranças do seu avô, e estas lembranças sempre eram agradáveis.

- Marcos – falou a mãe – eu venho percebendo que desde o desencarne do seu avô você está mais irritado, menos tranquilo... meu filho, nós temos que aceitar este fato e seguir em frente.
- É fácil falar! – Disse o garoto com ar triste e saudoso - Até parece que a senhora não sente falta dele.
- Querido, eu sei o quanto seu avô era importante para você. Sei que ele foi, na verdade, o único pai que você conheceu – explicou a mãe – E você sabe que quando engravidei e fiquei só, ainda muito moça, ele foi o único que me amparou e me recolheu, me deu forças para seguir e até registrou você.
- E então, por isso mesmo, nem parece que a senhora gosta dele!
- Marcos, querido, não é assim. Você está se esquecendo que nós espíritas temos uma visão diferenciada da morte física? O que eu acredito é que seu avô está muito bem em algum lugar e trabalhando pelo bem de todos nós, como ele sempre fez enquanto estava conosco; ou você está esquecido que ele foi trabalhador do centro durante mais de quarenta anos?
- Não, não esqueci não. E é exatamente por isso que estou decepcionado... não é possível que ele tenha passado tanto tempo no centro, fazendo tanta coisa, e nem possa dar uma mensagem pra gente... puxa mãe, é injusto! Já nem sei se acredito neste papo de vida após a morte e de reencarnação. Cadê ele? Porque não fala comigo?

Pascoal, o Avô desencarnado de Marcos, que acompanha ativamente o diálogo, agora estava próximo à mãe do garoto, inspirando nela as respostas mais coerentes a dar para Marcos, pois ele sabia que o garoto estava caminhando por uma linha muito tênue, e que estava a um passo de tomar decisões terríveis para o seu futuro.

Por este motivo, Pascoal, depois do seu desencarne e após ser auxiliado na colônia espiritual Alta Paz, a que o seu centro estava ligado, foi esclarecido sobre compromissos assumidos por Marcos, ainda no plano espiritual, e que seriam executados nesta encarnação

através de trabalho reparador em benefício dos necessitados encarnados e desencarnados.

O Jovem, porém, com o impacto da perda do avô, havia se afastado de suas atividades no centro tanto quanto dos estudos e da prática da oração. Preocupado com o caminho a que estas atitudes podiam levar, Pascoal solicitou que pudesse retornar à sua casa e tentar inspirar o neto a retomar o seu caminho espiritual.

- Meu amor – falou a mãe em tom carinhoso – é claro que seu avô está bem e nos ajudando... se ele não se comunicou ainda é porque não pôde. Você não sabe que os espíritos evangelizados têm uma ordem e que só fazem determinadas coisas quando são autorizados? Fique tranquilo meu bem.
- Fique tranquilo... fique tranquilo... você só sabe falar isso mãe. – Falou irritado.
- Marcos, porque você não volta a participar das reuniões do centro, hein? O pessoal de lá está sentindo sua falta. Seus amigos estão com saudade. – Aquietou a mãe – Que tal nós dois irmos amanhã de noite, meu filho? Lembra que amanhã é dia de reunião? Vamos?
- Não, não vou não. – falou com firmeza – Tudo que eu vi lá não me adiantou de nada! Não tem espíritos, não tem reencarnação, não tem caridade, não tem nada! E quer saber de uma coisa? Vou para o meu quarto! Cansei de você! Cansei!... – Gritou e foi embora da cozinha deixando a mãe e o avô tristes e meneando a cabeça, sem saber como proceder.

Maria, a mãe de Marcos, reconfortada por Pascoal mesmo sem perceber, terminou de jantar, recolheu os pratos, a comida e se retirou da cozinha ainda abalada com o que estava acontecendo com o filho. Preocupada, antes de sair ainda ergueu os olhos para cima, como quem faz uma ligeira prece.

Só, na cozinha, Pascoal concentrou-se, uniu as mãos em oração e abriu o seu coração para Deus, dizendo:

- Senhor, Venho, na qualidade de servo humilde, te rogar forças para esta família; te rogar apoio para estas pessoas; te rogar inspiração para este trabalhador. Bem sei que estamos todos em aprendizado nesta vida, Pai, e que de ambos os lados podemos encontrar oportunidades maravilhosas de testemunhar o teu amor. Muitas vezes, porém, somos cegados pela imaturidade e pelo esquecimento de nosso caminho; tolhidos pelo turbilhão das provas redentoras tantas vezes caímos e sofremos ainda mais por estarmos caídos. Mas este ainda não é o caso aqui, Pai. Mesmo passados alguns meses em que tenho me dedicado diariamente ao alívio redentor, ainda restam forças aos que hoje te pedem auxílio para evitar cair em erros e ainda restam oportunidades

para que possamos juntos retornar ao caminho correto de teus ensinamentos. Talvez, porém, esta seja uma tarefa ainda muito complexa para este que te fala, pois este simples colaborador ainda tem muito a aprender... Sendo assim, Senhor, te solicito humildemente ajuda. Te solicito que, caso seja de meu merecimento e de merecimento do nosso Marcos, tu possas, em tua bondade infinita, enviar um irmão mais capacitado no teu amor para nos auxiliar. E que, se mesmo assim não for possível, ó Pai, seja feita então a vossa vontade. Que assim seja!

Ao terminar sua prece, com lágrimas nos olhos, o velho trabalhador do Cristo percebe ao seu lado o aparecimento de um dos amigos espirituais que o orientaram na colônia Alta Paz. O Espírito, de um brilho intenso e tranqüilo, tinha a pele negra, uma veste branca simples: camisa e calça que lembravam as roupas vestidas pelos antigos escravos nas senzalas, andava descalço e sem pressa, e com olhos que pareciam de um sonhador falou mansamente para Pascoal:

-Tem fé, Pascoal. Tuas preces foram atendidas.

-

Trancado no seu quarto, deitado em sua cama, Marcos escutava algo muito barulhento nos fones de ouvido do seu MP3 player e assistia TV ao mesmo tempo. Inquieto mudava de canal sem parar, como quem não consegue se concentrar em nada, ansioso por algo que não sabe o que é.

Sem que ele perceba adentram no seu quarto duas entidades, o seu avô e o Amigo Espiritual. Durante alguns minutos eles ficam a fitar Marcos, observando seus movimentos e sondando seus pensamentos, até que o Amigo Espiritual faz um gesto para que Pascoal se aproxime de Marcos.

Inconscientemente sentindo a aproximação do avô Marcos vai diminuindo o ritmo de seus movimentos e da mudança de canal na tv, até que encontra algo que o agrada e começa a prestar atenção no programa.

Após algum tempo assistindo a tv desliga o seu MP3 player, se recosta confortavelmente e, pensativo, fala para si mesmo.

- Droga, não devia ter brigado com a minha mãe. Ela não tem culpa, não foi ela que matou meu avô; nem foi ela que me fez tirar nota baixa na prova de hoje. Droga! Eu sou um tapado mesmo! E agora nem pra pedir desculpas eu presto. Droga! – Marcos aparentava estar mais triste do que irritado, certamente cheio de remorso pelo modo como tratou sua mãe e repleto de orgulho para admitir o seu erro.

Neste momento o avô senta na cama e o abraça ternamente. Ele parece sentir algo diferente, de seus olhos caem algumas lágrimas e ele abstrai novamente:

- Ah, vovô... o senhor faz tanta falta! Cadê o senhor para me ensinar as coisas, cadê o senhor para me cobrar o dever de casa ou mandar eu estudar para as provas? – e sem perceber que o avô estava no quarto, ele continua falando de si para consigo mesmo - Lembra como a gente se divertia quando ia viajar? E quando ia para o sítio? Eu tenho tentado substituir você, sabe? Encontrei uns caras novos que me mostraram algumas coisas e tal... São até divertidos e estão me levando para umas festas onde rola de tudo... Mas vou te contar a verdade: Ninguém é igual a você! – Ao lado de Marcos o avô chorava, abraçado ao neto, sem poder no momento se comunicar com ele.

Após algum tempo o Amigo Espiritual se aproxima e faz sinal para que Pascoal se afaste um pouco, coloca então suas mãos sobre a cabeça de Marcos, como que aplicando-lhe um passe, e em poucos momentos o garoto se encontra sonolento e resolve se deitar para dormir.

Após Marcos se ajeitar confortável na cama, o Amigo Espiritual senta ao seu lado e coloca a mão sobre a cabeça do garoto. De sua mão sai uma energia clara e delicada que envolve todo o crânio de Marcos e neste momento o sono vem.

Um novo dia.

O dia amanhece e Marcos desperta bem mais calmo e tranqüilo. Sentindo-se bem se espreguiça longamente com um sorriso no rosto e deixa sair uma expressão:

- Eita sono bom, cara! Devia ser assim todo dia.

Animado se levanta e cantarola enquanto troca de roupas, coloca uma calça e camisa depois arruma suas coisas para ir à escola. Lembra que mais tarde irá para uma rave e então decide colocar uma roupa mais legal – Cadê aquela camisa nova? – pensa ele enquanto procura embaixo da cama, sobre as prateleiras e em outros locais pouco prováveis. Finalmente a encontra embaixo de seu travesseiro, bem amassada, e a coloca assim mesmo.

Sai do quarto apressado e desce as escadas alegre gritando:

- Mãe? To morrendo de fome, o que é que tem para comer? – recebe apenas o silêncio de resposta – Mãããeee? Cadê você???? Desencarnou foi??? – brinca o garoto.

De repente percebe um papel em cima da mesa, é um bilhete de sua mãe. Nele está escrito:

- Querido, precisei sair mais cedo e vou direto trabalhar. Tem comida para você na geladeira, não esqueça de esquentar. – Marcos pensou: como é que ela sabe que eu como sem esquentar? Poxa, ela sabe tudo cara! – Quando sair do trabalho vou direto para o centro, e aí vamos comigo? Se você for me liga que eu te pego na escola. Se cuida e vê se toma juízo. Amo você. Mamãe.

Marcos pensou em voz alta – Ah, eu vou muito! Quem mais vai sou eu Dona Maria. É ruim heim? Eu vou é curtir na rave, beber, dançar e me divertir. É isso que eu vou fazer.

Após comer rapidamente o sanduíche e tomar o suco Marcos apanha sua bolsa e sai de casa em direção à escola.

-

Sua escola ficava em um local próximo de sua casa e ele podia ir andando até lá. Era uma escola antiga, tradicional e bem conceituada. Embora fosse um pouco cara de se pagar a sua mãe não fazia questão; - é o melhor que eu posso fazer por você, Marcos – Dizia ela – é te dar uma boa educação para você crescer e ter boas oportunidades.

Consciente da situação de sua mãe, que trabalhava bastante e se esforçava para dar a ele uma vida digna, Marcos sempre fez por onde ser

um dos melhores de sua turma: boas notas, bom comportamento, bons amigos, cursos extra-curriculares e muito estudo. Recentemente, porém, sua disposição para o estudo havia diminuído bastante, o que afetou diretamente o seu rendimento e seus professores estavam começando a cobrar dele.

Não precisavam perguntar nada, a causa estava explícita e transparente para quem quisesse ver, até Marcos já sabia o que era: seus novos amigos Antônio e Bodão.

Antônio era do tipo filho de pai rico que não quer estudar porque o pai tem de tudo e não precisa se preocupar em trabalhar; repetente já há vários anos na mesma série, era sempre o primeiro a bagunçar e o último a ajudar. Se sentia o líder da turma, mais pela imposição de seu tamanho e idade do que por real capacidade, mas, afinal, qual dos alunos iria querer discutir com ele e terminar espancado?

Bodão era amigo de Antônio há muitos anos. E, mesmo em uma sala mais adiantada, não deixava a companhia do amigo nos intervalos e nas aulas que matavam para se divertir. Mesmo agitando muito na escola ele não deixava de estudar um pouco para passar na recuperação do final do ano. No início da amizade ele via Antônio como seu protetor e, depois, acabou se acostumando a idéia de seguir pela cabeça do outro, sem ter que se preocupar com as responsabilidades, sempre foi mais fácil dizer "mas Antônio mandou...".

Ao entrar na Escola Marcos vai se aproximando da sala quando recebe um leve tapa nas costas e escuta:

- E aí Marquito? Beleza? Como é, ta dentro ou fora do rolo de hoje a tarde? – Era Antônio acompanhado de Bodão.
- To dentro cara. To dentro. Mas já pedi pra não me chamar de "Marquito". Eu não Gosto. – respondeu com veemência.
- Porque mermão? Que tem de mais nisso? É só um apelido carinhoso, bicho. – argumentou Bodão com ironia
- Eu já falei cara: Era assim que meu avô me chamava e eu não quero ninguém mais me chamando assim, falou? Se não tiver legal arranjem outro para ficar com vocês que eu to fora! – Respondeu irritado
- Olhaí Bodão... Senti firmeza no cara. – falou Antônio – fica frio cara, a gente não fala mais não. Você é nosso mano, mermão. Você agora é só Marco, então, porque esse negócio de Marcos é muito complicado
- É isso aí – concordou Bodão – Olha Marco qual a aula que tu tem hoje bicho? Que tal a gente ir dar umas bandas fora daqui?
- Cara, hoje eu não posso mesmo. – Respondeu Marcos – porque fui mal na prova de matemática e hoje tenho que assistir aula de verdade pra ver se recupero. Não quero deixar minha mãe mais chateada.

- Ih, Bodão, o cara é o filhinho da mamãe, ta vendo? – disse Antônio ironizando enquanto se afastava puxando Bodão pela camisa – Ta Legal Marco, mas não esquece da festa mais tarde, ok?
- Certo, certo, depois do almoço a gente se manda – concordou o garoto enquanto ia entrando apressado na sala de aula.

A sala de Marcos era formada por jovens de sua faixa etária, garotos e garotas, que esbanjavam alegria e jovialidade. Correndo os olhos rapidamente pela sala Marcos avistou Bianca, uma jovem com quem ele vinha crescendo desde os tempos de criança, sempre participando da mesma sala, freqüentando os mesmos grupos e desta convivência sadia surgiu uma amizade profunda e sincera, que, com a chegada da adolescência, veio se transformando em algo maior.

Sem que ambos percebessem eles passaram a ficar mais tempo juntos e a dividir as experiências da passagem da infância à juventude. Conversavam muito e discutiam todos os assuntos com muita franqueza e clareza de pensamentos, pois apesar da pouca idade tinham internamente um senso intelectual muito apurado.

Marcos a viu de longe, acenou para ela e disfarçadamente se afastou e foi sentar do outro lado da sala. Havia algum tempo que ele estava evitando se encontrar com Bianca. Desde que encontrou seus novos amigos sentia, de alguma forma, que deveria se afastar dela; talvez sem perceber estivesse tentando defendê-la das diversas implicações que seu novo comportamento poderia trazer ou talvez estivesse apenas querendo se afastar de tudo que o lembrasse a felicidade ao lado do avô, quem sabe? O que realmente corroia o coração de Marcos era que mesmo afastando-se de Bianca ele não deixava de sentir um profundo carinho pela Jovem; e que desejava muito estar novamente com ela e conversar como antigamente, sem se preocupar com o tempo.

Aproximando-se de Marcos um jovem o tira rapidamente de suas divagações com um cumprimento amistoso:

- E aí Marcos? Quanto tempo a gente não se fala. Como está você? – Era Mateus.
- Estou bem Mateus, tudo certo. – Respondeu Marcos tentando encerrar a conversa. Sabia que Mateus iria tentar conversar muito com ele sobre sua situação. Ele era Espírita também e freqüentava o mesmo centro que Marcos e sua família; Participava junto com Marcos do Grupo da Juventude Espírita e, com certeza, vinha perguntar porque Marcos não estava mais indo para o centro.
- Cadê você Marcos? O pessoal da Juventude está com muita saudade.

- É, cara, sabe como é, tenho andado meio sem tempo; depois do lance com meu avô... tive que resolver umas coisas... ajeitar uns negócios lá em casa... – respondeu hesitante.
- Eu entendo, Marcos. Eu entendo. – Disse Mateus – Foi assim comigo também quando perdi meu irmão lembra?
- Não, cara. Com você foi diferente. Você me disse que viu seu irmão várias vezes e que ele falou com você e tal... eu nem isso posso dizer. Do meu avô nada. Cadê esse Centro Espírita que não me ajudou?
- Calma Marcos, você sabe que não é por aí. Eu vi o meu irmão sim, mas é porque eu sou médium e você sabe disso; mesmo assim não vejo quando eu quero não. Ele me aparece quando é necessário e permitido pela Espiritualidade superior. E só me aparece no Centro, que é o local certo para isso, Marcos.
- Eu sei - Argumentou Marcos
- Mediunidade é coisa séria, Marcos, e não é do jeito que a gente quer não. Os médiuns somente podem ser instrumentos dos espíritos que queiram dar comunicação. Não acontece quando nós queremos. Infelizmente tem pessoas que servem de instrumento mediúnico para determinados espíritos que somente desejam brincar ou prejudicar os outros; mas acho que você se lembra ainda que Kardec classifica mediunidade como uma faculdade que deve ser exercida da maneira mais correta e coerente com os ensinamentos de Jesus.
- É, Mateus, eu lembro sim. – disse Marcos pensativo.
- Outra coisa: A ajuda do centro não é dar mensagem ou comunicação quando a gente quer não. É nos conscientizar e preparar para enfrentar a separação dos entes queridos; é nos mostrar o que existe do outro lado e que a vida continua depois da morte do corpo físico.
- É cara, eu sei. Eu sei. É que tenho andado muito perdido ultimamente.
- É exatamente por isso que eu vim falar com você, Marcos. Eu percebi o quando você se afastou de mim, da Bianca, e de todos que se preocupam com você. Você agora só anda com aqueles caras, mas você deve tomar cuidado, Marcos, com o que essas amizades estão trazendo para você.
- Ih, meu, até parece minha mãe falando...
- Não, Marcos, Não sou sua mãe... mas sou seu amigo! E por isso mesmo me importo com você, cara. – Respondeu Mateus com firmeza – E estou vendo que você vai se dar mal se continuar neste caminho. Será que depois de tanto tempo estudando o Espiritismo você não percebe isso?
- Ah, Mateus, não começa você também não, cara. Já basta a encheção de saco lá em casa.
- Não Marcos, não basta. E em nome de nossa amizade eu vou tentar fazer o que puder para você melhorar, está ouvindo?

Antes que Marcos pudesse responder o professor entrou na sala e todos tomaram os seus lugares sem terminarem a conversa; porém Mateus se mostrou irredutível em face à questão de tentar dissuadir Marcos de sua mudança de rumo; Marcos por sua vez percebeu que o amigo não iria “largar do seu pé” enquanto não falasse tudo o que desejava. Apesar de toda a agitação anterior, a aula correu tranqüilamente e ao final da manhã, mesmo antes de terminar o horário, Antônio e Bodão apareceram na porta da sala, já chamando Marcos para poderem ir à rave.

Marcos estava se arrumando para partir quando Mateus se aproxima dele e pergunta:

- Já vai sair com seus amigos de novo, Marcos?
- Vou Mateus, vou... – disse tentando se livrar do amigo – vamos para uma rave – disse Marcos na esperança que Mateus largasse de seu pé o mais rápido possível
- Rave? É aquela festa que vai acontecer hoje à tarde? Aquela que dizem que vai começar de meio-dia e terminar de meia-noite? – Perguntou Mateus preocupado – Você não pode ir Marcos. Isto é perigoso.
- Pronto! – disse Marcos – Agora você quer mandar em mim.
- Deixa de pensar que todo mundo quer mandar em você Marcos. Só porque você tem problemas não quer dizer que você é o centro do mundo. Cada um de nós tem uma responsabilidade única e quando nos esquecemos dela começamos a tomar atitudes erradas, inconseqüentes até. Eu sou seu amigo, cara, e como seu amigo não posso deixar você se prejudicar cada vez mais. Eu vou com você pra essa festa.
- Como é que é? Você ta doido! Os caras não vão deixar não. Nada disso.
- E desde quando você só faz o que “os caras” mandam? E outra coisa: como vocês vão para essa festa?
- De ônibus, claro!
- Melhor ainda, eu estou de carro. Eu levo vocês e fico com vocês lá até seis da noite, porque depois tenho reunião no centro. E aí vocês voltam comigo também. E aí? Aceita? – Marcos ficou tentado com a idéia de ir de carro, seria uma oportunidade de economizar algum dinheiro e de impressionar o pessoal que estivesse na rave.
- Vou falar com os caras e ver o que eles dizem, ok? Me espera aqui. – E se dirige para a porta, onde estão Antônio e Bodão. – e aí caras, tudo certo?
- Beleza Marco – responde Antônio – Vamo nessa?
- Cara, é o seguinte: o Mateus disse que quer ir com a gente.
- Comequíe? – Espantou-se Bodão?
- O que é que aquele babaca ta querendo Marco? – Interrogou Antônio – Aquele cara nunca gostou da gente e eu nunca fui com a cara dele...

- Calma cara! – Disse Marcos – O cara tá de carro e chamou a gente pra ir com ele. Imagina a cara da turma na rave quando vir a gente chegando de carro? E o carro do Mateus é fera.
- De carro? - Disse Antônio já com muito interesse – E eu achei que o babaca só andasse de bicicleta. Vou lá falar com ele. – E se dirigiu para perto de Mateus.
- Diz aê gente boa! – Disse Antônio colocando o braço sobre o ombro de Mateus – Tô sabendo que tu quer levar a gente pra festa, e tamos nessa, bicho.
- É levo sim, agora já vou avisando que se quiserem voltar comigo eu saio de lá as seis horas. Quem não quiser voltar fica para vir de ônibus ou a pé.
- Fica frio, bicho. A gente voltamo com você sim. É, sempre achei você um cara legal, mermão. – Disse com um sorriso irônico nos lábios, enquanto todos se dirigiam para a saída da escola.

-

Quente! Era assim que estava aquela tarde. E isso não parecia incomodar em nada os jovens que se encontravam na rave para onde Marcos e os seus amigos foram.

Para quem nunca havia visto a festa parecia um pandemônio de algumas centenas de pessoas alucinadas pulando, gritando, bebendo e fumando sem ordem ou organização. Para os que se aproximavam da enorme tenda armada em um terreno baldio, longe do centro da cidade e das áreas residências, cercada por alambrados de madeira e arame, era comum sentir a vibração do som pulsando no chão, objetos e em seus próprios corpos, como se fosse uma incitação à dança e a agitação.

No centro da tenda podia ser visto um palco onde se encontravam mesas de som, computadores e vários outros aparelhos utilizados para controlar, produzir e gerenciar desde as luzes, que piscavam freneticamente, às músicas que eram ouvidas pelos jovens; As cinco caixas de som, espalhadas em circulo pelas laterais da grande tenda eram imensas, unidas em conjuntos do tamanho de um carro, e faziam um barulho ensurdecedor para quem se aproximasse delas, o que não perturbava em nenhum momento àqueles jovens que ali se encontravam, e inclusive iam cada vez mais para perto do som, como que querendo sentir suas vibrações.

No ar o odor de suor se misturava ao da bebida e ao do fumo criando um ambiente incômodo para os que não estavam acostumados a este tipo de recinto, Marcos, porém, parecia estar bem ambientado e logo chegando ao local foi falando com alguns dos participantes, batendo e apertando mãos, juntamente com os dois amigos Antônio e Bodão.

Mateus, que não tinha o hábito de freqüentar aquelas festas, achava tudo muito estranho e diferente, sentindo-se realmente incomodado com o barulho, os odores, etc. Aproximou-se de Marcos e falou:

- Marcos, veja lá se não faz nenhuma bobagem, ok?
- Hein? – disse Marcos – Fala mais alto, cara, eu não estou ouvindo!
- Vê se não bebe muito. – gritou Mateus – Cuidado para não exagerar.
- Ah, tá. Tá. Pode ficar tranqüilo. – Disse o garoto e saiu pulando e se jogando com os outros amigos para o meio da “galera”, como eles mesmos chamavam.

Durante algumas horas Mateus permaneceu observando a todos ali e mais atentamente a Marcos, que parecia fascinado com aquele mundo. Percebeu que os amigos Antônio e Bodão exerciam sobre ele uma influência muito grande.

Após algum tempo os dois se afastaram um pouco de Marcos e isso deu a Mateus a oportunidade de ir mais para próximo ao amigo. Porém, mesmo com a presença de Mateus ao seu lado, durante todo o tempo que estiveram na festa, ao final Marcos estava bastante embriagado.

- Vamos Marcos, já está na hora de irmos embora. – Disse Mateus puxando o amigo pelo braço.
- Experaí, cara. – Disse Marcos com um sotaque arrastado pelo efeito da bebida – Vamo xamá Antonho i Bodão que eles vão com a genti. Ei!!! – gritou alertando os outros dois – Vem, tá na hora! – E ambos atenderam ao chamado cambaleando e se apoiando um no outro.

Mateus não pôde deixar de pensar que, o que quer que aqueles dois tivessem tomado, não era somente bebida, pois eles pareciam como que aéreos, alheios a tudo à sua volta.

Entraram no carro e os dois amigos de Marcos, no banco de trás, logo caíram em um sono pesado, o que para Mateus pareceu menos mal. Apenas Marcos, sentado no banco da frente com Mateus, ainda estava acordado e bastante conversador.

Mateus pensou em aproveitar o caminho de volta à cidade para tentar extrair de Marcos o que estava realmente acontecendo e, quem sabe, mesmo sob o efeito do álcool ele pudesse colocar um pouco de juízo na cabeça de Marcos.

- E aí Marcos, onde vamos deixar os seus amigos – Perguntou Mateus,
- A xente leva elex para casa do Antonho, que é perto da Excola, xerto?

- Ok, então. Vamos levá-los para lá e depois você vai para sua casa, não é?
- Ixo, Ixo, eu tô um bagaxo. Vou pra casa durmi, que amanhã tem maix.
- É, pelo visto você aproveitou bem a festa?
- Max claro que xim. Dancei, pulei, farrei...
- Bebeu! – Interrompeu Mateus.
- Bebi Xim, iaê? Qual o poblema? – respondeu irritado.
- Comigo nenhum. Agora, mais tarde, talvez você venha a perceber o problema, só espero que não vá ser tarde demais, não é?
- Num vem me enxer com exe papinho expírita não! Eu já não güento maix ixo. – retrucou Marcos com ênfase, sentindo dentro dele despertar de repente uma imensa vontade de retornar para a festa. – E que sabê maix? Vô voltá pra fexta. Pára o carro!
- Não Marcos, que idéia maluca. A gente vai levar os meninos pra casa do Antônio e depois você vai pra casa, lembra? – Argumentou Mateus percebendo que havia alguma coisa errada com Marcos. – Fica calmo que a gente vai pra casa agora, não é?
- Que pra casa que nada, a gente vai é pra fexta! – Disse Marcos e imediatamente puxou o volante das mãos de Mateus que, surpreendido pela rapidez do acontecimento, não teve reação.

A atitude irrefletida de Marcos fez com que o carro perdesse a direção e rodasse para o lado esquerdo, chocando-se contra o meio fio de capotando algumas vezes pela rua até parar em um canto no meio da estrada, todo quebrado e amassado e com três dos quatro jovens dentro.

Na estrada escura e deserta, ainda longe da cidade e também longe do movimento da festa, era possível perceber no asfalto, do lado de fora do veículo, um corpo jogado no solo inerte em meio a uma poça de sangue, sem reação, sem respiração, era Mateus.

Dentro do veículo, na parte traseira, mais duas formas caídas, misturadas com os vidros e metal retorcido, jazem inertes apresentando fraturas e escoriações no tórax e principalmente na cabeça; Bodão apresentava convulsões, seu corpo tremia e se retorcia em espasmos arritmados; Antônio, porém, não apresentava qualquer reação, seu tórax estático mostrava que não havia mais atividade cardíaca ou pulmonar.

Marcos encontrava-se espremido entre o banco que estava sentado e o teto do carro, que agora tocava o chão. De olhos entreabertos e sentindo uma dor lacinante a cada respiração forçada, ele ainda teve tempo de olhar ao redor e verificar o que havia acontecido, com uma consciência que não sabia se onde viera. Sentia muito frio e não conseguia mover os braços, os olhos tinham dificuldade de se manter abertos. Sentia-se muito cansado, já não agüentava mais lutar pra manter-se desperto, Seu peito doia muito, já não conseguia respirar com facilidade, fechou os olhos e deixou a escuridão chegar.

No outro lado.

Aos poucos a escuridão foi desaparecendo; algumas luzes piscavam ao seu redor, mas muito embaçadas ainda para saber o que eram. Algumas vozes podiam ser ouvidas, mas sem poderem ser compreendidas ainda. Sua cabeça girava e seu corpo todo doía, principalmente a sua barriga e o peito. Respirava, mas ardia muito a respiração e só então ele pode perceber que, sem saber como, estava em pé e vagueando por entre as luzes e sons que ainda não podia discernir.

Sentiu-se fraco e caiu sentado no chão duro, o impacto fez com que seu corpo doesse mais e ele sentiu suas mãos arranharem-se no asfalto. Percebeu então que estava em uma rodovia e instintivamente se perguntou – Como vim parar aqui? O que está acontecendo?

Sua visão agora estava clareando e ele conseguia perceber formas se movendo entre as luzes, pareciam pessoas que andavam de um lado para outro enquanto as luzes piscavam em um ritmo frenético, alucinante; as luzes e o ritmo das pessoas trouxe como um flash a lembrança da festa de onde ele havia saído há pouco. Viu rapidamente alguns lances de dança e bebida da festa, a presença do amigo Mateus, Antônio e Bodão dormindo no banco de trás do carro, e pensou: - Carro... Eu estava num carro. O carro de Mateus... onde está Mateus? Onde estou eu?

Não lembrava com clareza o que havia acontecido ou onde estava, tudo vinha em flashes em sua mente e essas imagens não eram claras o suficiente para que ele conseguisse entender o que se passava.

Seus olhos agora estavam mais claros, enxergava melhor e já podia verificar as pessoas com certa nitidez; viu algumas pessoas que, pareciam ser policiais, perto de um objeto grande e amassado; um pouco mais além percebeu que as luzes que brilhavam freneticamente vinham de um veículo branco onde um pequeno grupo de pessoas estava bastante agitado se movendo em torno de algo.

Levantou-se e foi cambaleando ainda até o local onde as pessoas estavam agitadas, percebeu que eles estavam sobre uma figura humana – São enfermeiros – Pensou – Que bom. Vão poder me ajudar.

Aproximou-se mais e falou:

- Ei, eu preciso de ajuda! – esperou que algum deles se virasse e viesse auxiliá-lo, porém ninguém se moveu de onde estava – Ei! – Gritou – Socorro! – Eu estou machucado! – Aguardou um pouco e novamente não conseguiu a atenção de ninguém. – Devem estar muito ocupados socorrendo alguém, vou falar com os policiais para ver o que está acontecendo. – decidiu.

Virou-se com certa dificuldade, devido ao corpo dolorido, e encaminhou-se até o ponto onde havia visto os policiais. Eles estavam ao redor de um corpo estendido no asfalto – Meu Deus! – Exclamou Marcos – Deve ter sido um acidente feio. Será que eu fui atingido também? – Aproximou-se de um dos policiais e disse: Seu guarda, por favor, eu estou ferido. – E aguardou o policial se virar para atendê-lo, o que não aconteceu. – Seu guarda! Por favor, eu estou falando com o senhor! – Falou mais alto, porém ainda sem conseguir a atenção do policial.

Ficou irritado e gritou: Estou falando com você, policial, será que dá pra parar de olhar pra este corpo e me ouvir? – Neste momento ele olhou instintivamente para o corpo descoberto no chão e teve um choque – Antônio? – Gritou Assustado – Meu Deus, Antônio... – Voltou-se desesperado para onde os enfermeiros socorriam outro jovem e estarecido constatou que era Bodão que estava sendo socorrido.

Marcos ficou tonto e caiu no chão. Sua cabeça doía e girava, ele não conseguia se firmar nas próprias pernas – Meu Deus! - Exclamou. –Agora eu me lembro! O que foi que eu fiz? Oh, meu Deus, o que foi que eu fiz? – As imagens agora chegavam a sua cabeça como pancadas de um martelo, doía muito e elas não paravam de chegar. Via todos os momentos do infeliz acidente. Desde o carro voando sobre o asfalto e batendo várias vezes contra o chão, lembrava de ver os amigos sendo jogados de um lado para outro dentro do veículo, lembrou que em um momento percebeu um corpo ser jogado fora do carro, caindo no chão. – Meu Deus! – Gritou Desesperado – Mateus... cadê Mateus??? – Ergueu-se rápido, sem se importar com as dores que sentia, e saiu em busca do amigo. Correndo os olhos ao seu redor percebeu uma luminosidade mais além do carro batido, depois de onde se encontravam os policiais.

Era uma luz branda, limpa e quase angelical. Estava saindo de algum lugar e pousando sobre um corpo que estava no chão, coberto por um lençol. Pelo ténis que estava amostra do lado de fora Marcos percebeu que se tratava realmente de Mateus. Lágrimas corriam por sua face enquanto ele corria para junto do corpo do amigo.

- Mateus – Gritou Marcos enquanto se ajoelhava e abraçava o corpo do amigo – Me desculpa cara. Eu não queria que isso acontecesse. Não era pra ninguém morrer... – Chorava desesperado e tomado por uma culpa profunda. – Ah, meu Deus, porque não fui eu que morri, então? Quem fez besteira fui eu! Era para eu ter morrido e não o Mateus... Ele não fez nada! Era um cara bom. Só estava tentando me ajudar. – Chorava Marcos abraçado ao corpo do amigo.

Sem que Marcos percebesse, pois estava de cabeça abaixada e colada sobre o corpo no chão, a luz que antes era branda e tênue foi ficando cada vez mais forte e intensa. Aos poucos, à frente do corpo que estava

no asfalto, foram se formando duas figuras humanas e logo apareceram Mateus e o Amigo Espiritual. Olhando para o desespero de Marcos, Mateus, em espírito, sentiu compaixão e falou suavemente:

- Marcos... Marcos eu estou aqui.

- Hã? – soluçou Marcos assustado e levantando a cabeça imediatamente. – O quê...? - e antes que pudesse falar algo mais Mateus interrompeu.

- Não, não se assuste. Sou eu Mesmo: Mateus. – Disse tranqüilamente –Estou bem.

- Como ? – disse Marcos – Você morreu, seu corpo está aqui.

- É verdade. – Respondeu Mateus com uma calma invulgar - Meu corpo morreu devido ao acidente, mas eu estou bem. Continuo vivo, Marcos, mas agora no mundo espiritual.

- Não pode ser! – Disse Marcos, esfregando os olhos, pensando se tratar de uma ilusão. – Não pode ser. E você não está sentindo nada? Não está doendo? Não está triste?

- Não posso dizer que não estou triste. Certamente que para mim foi uma coisa muito rápida e inesperada, porém sei que não foi sem causa e também sei que é o melhor para mim neste momento. Quanto a estar sentindo dor ou machucado, pode descansar. Não estou sentindo nada. Estou inclusive melhor do que estava quando encarnado.

- Como é possível? – perguntou Marcos atônito – Eu não compreendo.

- Alguns segundos antes do acidente este meu amigo, que veio da colônia Alta Paz, estava já conosco no carro. - Disse Mateus apontando para o Amigo Espiritual que durante toda a conversa estava um pouco atrás dos jovens – Na hora do impacto ele me ajudou muito. Lançou sobre mim sua energia fluídica e me deixou inconsciente durante todo o acidente. Não sentí nem ví nada. Após o acontecido ele mesmo me auxiliou a despertar no mundo espiritual aplicando-me passes tranqüilizadores e restauradores; também cuidou para que acontecesse a separação entre o meu espírito e meu corpo físico sem maiores problemas e me informou de maneira tranqüila o que havia acontecido.

- E você fala isso assim, nessa naturalidade? – Perguntou Marcos como que indignado

- Marcos, meu amigo, essa tranqüilidade vem do estudo e trabalho realizados nestes anos em que adotei a Doutrina Espírita como minha religião, você sabe que trabalhei muito com minha mediunidade tentando auxiliar os sofredores e ensinar-lhes o caminho com Jesus. A Doutrina Espírita nos mostra, conscientiza e prepara para os vários caminhos que possamos encontrar em nossa vida. Principalmente nos explicando que a morte não é o fim; pelo contrário é a libertação do espírito que estava aprisionado em um corpo de carne e que agora pode retornar, sem fronteiras, ao seu verdadeiro lar: a Pátria Espiritual. – Silenciosamente o Amigo Espiritual se aproxima de Mateus e

discretamente fala algo em seu ouvido. – Bem, Marcos, tenho que ir agora. Já não posso mais permanecer com você. Posso apenas te dizer umas últimas palavras: Tenha cuidado com suas escolhas. Muita paz meu amigo. E da mesma maneira que as duas entidades apareceram foram desaparecendo aos poucos e logo depois a luz que as alimentava também sumiu.

- Espera! – Gritou Marcos.- Espera Mateus, não vá embora. Não me deixa, cara! – Mas era em vão. A medida que os gritos de Marcos desapareciam na noite também desapareciam as duas entidades. Contrariado e novamente irritado Marcos gritou – Espírito burro. Era pra você ficar aqui. Não era pra morrer, droga! – E se deu conta imediatamente do que estava falando – Peraí, eu disse Espírito? Mas eu não vejo espíritos, eu não sou médium. – Falou assustado - Será que eu... – Não teve coragem de terminar a frase. Imediatamente correu para perto do carro onde estava os policiais e falou:

- Ei! Alguém aí! Eu estou aqui, me ajudem! – balançava os braços em frente às pessoas e ninguém percebia sua presença. – Não é possível – Gritou. - Eu não estou morto. Eu estou sentindo tudo. Meu peito está doendo, eu estou respirando, até cair no chão eu caí. Eu não estou morto. – Gritava desesperado enquanto andava próximo ao carro. Sem perceber foi se encaminhando para o mesmo local onde havia visto o corpo de Antônio e sem querer tropeçar nele. Ao tropeçar cai por sobre outro corpo que estava um pouco mais adiante, coberto sobre os asfalto, e percebe, para o seu desespero, que, pelos sapatos e um pedaço da camisa que estavam à mostra, era o seu próprio corpo.

- Nããããooooo!!!! – Gritou alucinado – Não é verdade! Eu estou vivo! – E saiu assustado se arrastando para próximo aos enfermeiros dizendo baixinho, como que tentando se convencer do fato: Estou vivo! Estou vivo! Estou

Ao se aproximar do pequeno grupo, porém, escutou um dos homens comentando:

- Rapaz, este foi um dos acidentes mais feios que já vi. E olha que já vi muitos, hein? Este cara aqui, por exemplo, - Disse apontando para Bodão que estava sobre a maca – eu mesmo acharia melhor se ele tivesse morrido com os outros três. É melhor embarcar logo do que quebrar o pescoço e ficar sem controlar os movimentos do corpo, não é? – os outros expressavam suas opiniões, mas Marcos já não escutava mais nada, estava em um canto próximo, assustado e sentindo-se o único culpado de toda aquela situação.

Sem que ele percebesse, por trás de sua pessoa, as duas entidades reapareceram, porém desta vez não se fizeram visíveis a Marcos, que não podia ver nem sentir o abraço carinhoso que o amigo Mateus dava nele, como que querendo ampará-lo, enquanto ele permanecia parado, sentado no chão, abraçando os próprios joelhos e repetindo baixo para si mesmo: Eu estou vivo! Eu estou vivo...

É tudo verdade!

Marcos estava só. Sentado no meio da estrada, alheio a tudo à sua volta apenas repetia a pequena frase sem cessar, abraçado aos joelhos e balançando o corpo para frente e para trás. Não podia ainda perceber o abraço carinhoso do amigo Mateus que o amparava enviando boas vibrações para que ele se acalmasse mais um pouco.

As pessoas do grupo de resgate e os policiais já haviam partido há algum tempo. Levaram os corpos e os destroços do carro. O garoto que ainda estava vivo quando chegaram foi socorrido e levado para um hospital da cidade onde receberia maiores cuidados, mas, independente de que cuidados e tratamentos recebesse, sua paralisia nos membros era um fato. Ele havia quebrado o pescoço durante o acidente e perdera completamente o controle sobre o movimento do corpo.

As imagens do acidente, a visão dos amigos mortos, a consciência que era o responsável pelo estado de Bodão e os sentimentos de perda, culpa e dor não saíam da cabeça de Marcos, agora não conseguia perceber mais nada à sua volta, cristalizado nestes sentimentos.

O Amigo Espiritual, que acompanhava Mateus naquele momento, percebendo que não havia muito a ser feito por Marcos, enquanto estivesse naquela situação mental, interveio e, silenciosamente, chamou Mateus a se retirarem.

Mateus compreendeu o que se passava e afastou-se de Marcos lentamente. Aos poucos as duas entidades desapareceram na escuridão da noite e Marcos finalmente estava só.

Passado algum tempo, Marcos de repente escuta uma voz que parece vir de todos os lados ao mesmo tempo. É impossível distinguir sua origem, apenas uma voz forte e seca, com um carregado sotaque nordestino, que diz:

- Eita que eu pensei que ele não ia ficar sozinho mais não. Não é Marcos? Aquele teu amigo quase não vai embora, mas agora você está sozinho, menino. – Assustado Marcos procurava em vão a fonte da voz e não conseguia encontrar, olhando para todos os lados apenas escutava. – Se preocupe não, que eu vou lhe ajudar. Fique comigo que você não vai perder nada!
- Quem está aí? – Disse Marcos assustado – Quem é? Apareça! – Falou sem muita convicção, ainda temeroso do que poderia aparecer.
- Se assuste não. – Disse a voz – Eu sou seu amigo. – E aos poucos, da escuridão, começaram a aparecer duas entidades em

roupas escuras, envoltas em sombras e com aspecto grosseiro. Marcos, recuando um pouco, pôde apenas assistir, enquanto os dois espíritos se aproximavam cada vez mais, até que, chegando bem próximo ao jovem, um deles se abaixou um pouco e colocou seu rosto próximo ao de Marcos, que assustado tremia. O espírito respirou fundo e, após absorver o ar, ergueu-se com aspecto triunfante dizendo:

- Eita que o cabra está morrendo de medo de mim. - Marcos percebeu que era a voz que havia falado com ele, mas antes que pudesse pensar em mais alguma coisa o Espírito soltou uma gargalhada que fez com que Marcos se encolhesse ainda mais, e a outra entidade também começou a rir.

- Eu me chamo Tertuliano! - Disse o primeiro espírito - E eu era o jagunço mais valente que Coronel Salustiano tinha, enquanto eu era vivo. Essas mãos - e mostrou com rudeza as mãos para Marcos que se encolheu mais com medo - Já mataram mais de doze homens, tá vendo? - Marcos fez que sim com a cabeça - Foi de peixeira, de revolver e uns foi até só com as mãos mesmo. Você acredita? - Marcos concordou silenciosamente com a cabeça. - É bom mesmo! - Disse Tertuliano triunfante. - E depois que estou morto eu já trouxe pro lado de cá uns vinte. Olhai o Joca, por exemplo. Disse apontando para o outro espírito que estava com ele.

Tertuliano aparentava ser um daqueles jagunços sertanejos. Trajado de maneira característica, tinha os trejeitos e a fala de quem viveu no interior por muitos anos. Austero e rude em seus modos era o chefe daquela estranha dupla; Joca, por sua vez, era uma figura aparentemente oposta ao companheiro. Trajando terno e gravata, tinha o aspecto refinado de quem é um executivo de alguma empresa importante; e até quando se expressava podia ser notada facilmente a diferença entre os dois.

Controlando um pouco o seu medo, mas ainda não totalmente desprovido dele Marcos tomou coragem e perguntou:

- O que é que tem ele? - E apontou para Joca

- Ele é um dos cabras que eu trouxe pra cá, pra ficar junto de mim.

- Mas como foi isso? Como é que você sendo espírito pôde trazer um vivo para aqui? - Perguntou Marcos ainda com um pouco de medo

- É mais fácil do que parece, menino. - Disse Tertuliano - Joca trabalhava numa empresa grande, era novo e queria ficar rico. Eu estava andando por aí e senti estas coisas nele. Percebi que a gente era parecido e fiquei grudado nele desde então.

- Meu Deus! É a lei de sintonia - Disse Marcos como que pensando alto

- Depois de um tempo ele começou a ouvir as coisas que eu dizia pra ele fazer e foi ganhando mais dinheiro cada vez que fazia o que eu mandava. Esse cabra ia ficar rico. – Joca apenas concordava balançando a cabeça cada vez que Tertuliano falava.

- Até que um dia, - continuou Tertuliano – um tempo depois que eu tinha dado um jeito pro chefe dele morrer e ele ficar no lugar dele, esse triste se matou. Disse que tava com a consciência pesada, já pensou? Cabra mole da peste! – falou dando um tapa na cabeça de Joca. – Mole e Burro! – Empurrou Joca para longe – A gente podia estar muito bem com tudo que ele tinha: Carro, dinheiro, cachaça e mulher...

- E porque você fez tudo isso? – perguntou Marcos, já sem medo – Porque você quis ajudar ele?

- Você parece que é meio tapado também menino.- Respondeu sêco – quando eu estava vivo eu tinha tudo isso: Dinheiro, cachaça, mulher. Até que armaram uma tocaia pra mim e me mataram. Mas não tem nada não – Disse balançando as mãos em direção a Marcos – Quem mandou me matar não perde por esperar. Claro que eu queria tudo de novo, não é? – gritou com raiva – E esse tapado desse Joca podia ter me dado isso tudo de novo. Mas ficou com peninha do safado do chefe dele – Disse irônico – O safado só botava pra lascar nele, eu achei foi bom quebrar ele.

- Mas isso não está certo! – gritou Marcos

- Pronto, e agora você quer me dizer o que está certo? Logo você? Eu te conheço menino. Eu sei o que você fez. – gritou para Marcos, se aproximando do jovem para intimidá-lo. – Eu me lembro do que você fez. – Gritou – Quem é você pra dizer o que é certo?

Marcos, acoado no canto, apenas pôde baixar a cabeça, sentindo o peso da culpa e do remorso pelos atos que havia realizado nestes últimos meses após a morte de seu avô. Lembrava-se de todas as vezes que as pessoas chegaram perto para conversar com ele para alertá-lo dos erros que estava cometendo e ele não dava atenção. E errava mais.

- Eu tenho te acompanhado há muito tempo Marcos. – Disse Tertuliano – Desde o dia que você mandou me matar, seu safado.

- Mas eu nunca matei ninguém – Disse Marcos assustado – Eu nunca fiz mal a você.

- Não foi nesta vida não, seu cabra. Foi quando você era o Coronel Salustiano, seu burro. Você não se lembra não, mas eu lembro. Lembro de tudo.

Esta informação havia deixado Marcos perplexo, sem reação. Atordoado com o que acabava de escutar caiu no chão e balançava a cabeça negativamente sem silêncio sob o olhar raivoso de seu

perseguidor. Joca andava de um lado para o outro, ao redor dos outros dois, dizendo irritantemente coisas como: tá vendo? Quem mandou? Pensa que é bonzinho é? Ui, agora você vai ver.

- Não é verdade – Disse Marcos – Eu não sou esse coronel não!
- Tá esquecido, né? – Disse Tertuliano – Pois eu vou refrescar sua memória, rapaz. Vou lhe dar um pouco da minha dor e do meu ódio. – e apontou as mãos para Marcos, jogando uma carga fluídica sobre sua cabeça, enviando sentimentos e emoções que tinha guardado dentro de seu coração há muitos anos.

A cabeça de Marcos doia e ele, desesperado, levou as mãos até ela, tentando segurar os pensamentos que chegavam insistentemente. – Não, não fui eu, - Marcos gritava –Não fui eu.

Após alguns segundos Tertuliano interrompe a irradiação mental e pergunta irritado:

- Tá vendo o que você mandou fazer comigo? Tá sentindo meu ódio? Pois bem, esse tempo todo eu tava procurando por você e não tinha achado. Aquele seu avô cuidava bem de você, menino. Ele levava você pro bom caminho e cuidava dos seus pensamentos. Mas quando ele morreu você deixou de seguir o que ele dizia e mostrou quem realmente você é. Aí eu pude sentir seus pensamentos e vi que era você mesmo. Depois de todos estes anos eu finalmente encontrei o senhor Coronel Salustiano.

- É, - disse Joca – Ainda bem que a gente tava perturbando aquele tal de Antônio, senão a gente ia demorar mais pra achar você, seu assassino.

- Não. – Gritou Marcos – Eu não sou Assassino. Isso não é verdade. - E correu para Joca jogando-o no chão. – Eu não sou assassino gritava enquanto batia no espírito.

- Você é assassino três vezes, Coronel. – Disse Tertuliano apontando a mão para Marcos, que parou e ficou a ouvi-lo. Tertuliano contava nos dedos enquanto falava – Uma vez pelos mandado que o senhor me dava e eu ia lá e matava os homens; duas vezes quando teve medo de mim porque achou que eu já estava ficando valente e sabia demais e mandou armar uma tocaia pra mim e me matou feito um cachorro.

- Mas eu não me lembro disso. – Disse Marcos – Não era eu, e mesmo se fosse nesta época eu era outra pessoa.

- Era outra pessoa, né? Pode até ser, Coronel. Mas e agora, na terceira vez, quem foi que matou seus amigos, hein?

A constatação bateu em Marcos como um tijolo em seu rosto, abismado ele levou a mão ao rosto e começou a chorar. – Mas eu não queria, não era pra acontecer isso – Dizia ele.

- Há, - ironizou Tertuliano – Agora é muito fácil dizer que não queria. Mas na hora que você puxou a direção do carro você só pensava em voltar pra sua festa e beber mais. É Coronel, antes era eu que obedecia o senhor, agora é o senhor que me obedece, tá vendo?

Espantado Marcos olha para Tertuliano e fala baixo – Foi você? Você me influenciou para fazer aquilo? Foi tudo culpa sua!

- Minha não. – Retrucou Tertuliano – Eu somente dei a idéia de voltar pra festa pra beber e se divertir, porque EU – disse com ênfase na palavra – estava querendo me divertir mais. Chupar a cachaça de dentro de você e dos seus amigos; Chupar a fumaça dos cigarros e até dar uma namoradinha depois. – Disse fazendo gestos como se estivesse inalando ou sugando as energias contaminadas pelo álcool e pelos vícios.

- Foi você! Você me fez perder tudo. Você é um vampiro daqueles que ficam sendo obsessores das pessoas. – Gritou Marcos – Porque você fez isso comigo? Porque? – Gritava desesperado.

- Porque você deixou! – Tertuliano gritou, essa foi a resposta sêca e dura que acordou Marcos para a realidade – Porque você permitiu que eu me aproximasse de você, Coronel. Querendo curtir sua vida você somente abriu as portas para que eu entrasse, e você estava gostando cada vez mais, me deixando no controle cada vez mais. Se você tivesse feito as coisas certas, continuado com aquela sua vida certinha eu nem podia chegar perto. Mas ainda bem que você se afastou daquele lugar espírita, quando você se afastou você chegou pra mim, não foi?

Marcos apenas chorava com as mãos no rosto, sucumbindo ante o peso da verdade. Sabia que o que estava sendo dito alí realmente era verdade. Todos o avisaram quanto ao rumo que estava dando a sua vida mas ele apenas se envolvia mais e mais com aqueles prazeres: O álcool, o fumo, as festas. Se afastara dos bons ensinamentos, das boas amizades e até da oração, Entrando em um círculo vicioso que não parecia ter limite ou fim, exceto aquele que ele vivenciava agora.

Tertuliano se afastou um pouco, como que vitorioso por haver levado Marcos até aquela situação de culpa. Apenas olhava de longe e saboreava aqueles momentos que esperara muitos anos para acontecer.

Joca ria muito e ficava dando cutucões em Marcos, que sem forças para se defender, apenas agitava os braços tentando afastar o espírito.

- Não foi fácil não, moleque – Disse Joca irônico - Aquele teu avô mesmo depois de morto dava trabalho pra gente.

- O quê? Não fale do meu avô. – Gritou Marcos

- Tá defendendo ele, é? Devia ter pensado nisso quando ele ainda estava vivo ou então quando ele tentava se aproximar de você lá na sua casa, seu babaca. – Disse Joca.

- O que você está dizendo? – Marcos levantou a cabeça – Você está dizendo que ele estava lá em casa?

- O tempo todo seu idiota. E você nunca parou pra perceber. Porque você acha que a gente demorou tanto tempo pra poder te ferrar? Aquele idiota não deixava a gente entrar na tua casa. - gritou Joca dando empurrões em Marcos.

- Ele estava lá? Estava comigo? – Perguntou Marcos balançando a cabeça entristecido

- Claro que estava, seu babaca! Por isso que a gente só podia se aproximar de você na sua escola e nas festas. E que festas hein?

- Joca cutucou Marcos. – Lembra como você bebia? Isso só te aproximava cada vez mais da gente, Mas aí quando você chegava em casa o velho tentava te ajudar através de tua mãe e atrapalhava o nosso trabalho. – Marcos apenas chorava, perdido sem saber o que fazer. – Ainda bem que você é igual aos outros jovens adolescentes de sua idade: Não escuta ninguém... É o dono do mundo, não é? – Gritou Joca – Pois bem, agora nós somos os donos do seu mundo – e gargalhou.

- Como é que é Joca? – Gritou Tertuliano enraivecido?

- O senhor chefe, o senhor é o dono do mundo dele, chefe. – falou Joca temeroso.

- Assim, sim. Assim tá bom. Vem pra cá Joca. – E ambos começaram a conversar em um canto deixando Marcos sozinho com suas lembranças. Como que pensando Alto ele falou:

- Meu Deus! Como eu fiz besteira, como eu prejudiquei tanta gente. O que é que eu vou fazer agora? Eu estou morto, mas eu estou vivo. Tudo aquilo que meu avô me dizia e que eu ví no centro é verdade. E agora? Estou sendo perseguido por estes dois Espíritos que são meus obsessores, Meu Deus o que eu vou fazer? – Olhava para cima como que procurando auxílio.

- Ferrei tudo, a culpa é só minha! Meu avô nunca me abandonou, eu pensei tudo errado. Burro que fui. Ele sempre tentou me ajudar e eu estava ocupado demais sentindo pena de mim mesmo ou então me prejudicando mais. Ah, meu Deus, quantas vezes minha mãe me avisou e tentou me ajudar... – Parou momentaneamente e caiu em prantos ao lembrar de sua mãe – Minha mãe... Meu Deus, minha mãe... como ela vai ficar sem mim? Ela deve estar sofrendo tanto, e a culpa é toda minha... – Chorava sem parar, caído no chão, assumindo instintivamente a posição fetal.

- Olhe aquilo Joca - falou Tertuliano com um tom de vencedor – aquilo é o que o povo chama de vingança. E começou agora. Esse infeliz vai ter muito que sofrer nas minhas mãos, você vai ver.

- Eu já estou vendo chefe. – Disse Joca – Eu já estou vendo.

- Depois de mais de oitenta anos eu achei este safado e tirei tudo dele. Tirei a vida e tirei a paz, porque fiz ele mesmo matar seus amigos. Eita, que isso deve doer lá no fundo do coração, de quem tem coração, porque eu não tenho mais não. O meu foi ele que tirou e agora eu vou tirar o dele todo dia mais um pouquinho, e olha que tem muito tempo pela frente pra eu fazer isso. - Falou pensativo, como que contemplando um futuro onde iria maltratar Marcos cada dia mais - Ele fez pra mim e agora tá me pagando cada centavo, não é assim que esse povo espírita diz? - Ironizou.
- Olha, chefe, na verdade não é bem assim que eles dizem não. - interferiu Joca.
- Tá me corrigindo seu cabra? - Gritou Tertuliano - É do jeito que eu quiser, porque aqui mando eu, tá me entendendo?
- Estou, chefe, estou. Desculpe - Recolheu-se Joca e ficou calado.

Marcos por sua vez continuava parado, deitado no chão e chorando; inundado do sentimento de perda e culpa, não se permitia sentir nada mais. A consciência culpada cobrava o preço pelos atos realizados impensadamente, pois, muito embora ele tivesse recebido a dádiva de uma nova encarnação, onde iria corrigir erros do passado auxiliando muitos daqueles a quem prejudicou, Marcos havia optado por continuar em uma vida de erros e sofrimento, trazidos a ele por suas próprias decisões.

- Eita, Joca, que me deu uma vontade danada de tomar uma! - Falou Tertuliano com alegria - Vamos voltar para aquela festa que agora eu vou pegar um daqueles meninos dali e fazer o cabra beber até cair. Vou chupar a cachaça dele e depois vou procurar algum casal que esteja fazendo safadeza e vou dar uma namoradinha. Eita que vai ser uma noite daquelas.
- Chefe, e esse aí? - Disse Joca - apontando para Marcos chorando e caído no chão
- Se preocupe não. Esse aí agora só sai daí quando eu mandar. Ele tá tão triste e com uma culpa tão grande que não vai poder fazer nada por um tempo danado. Agora ele é meu. E eu não vou deixar ele sair desse jeito não. Já botei ele na coleira pra quando eu quiser judiar dele. Vem, vambora. - E puxou Joca pelo braço, se afastando de Marcos e tomando a direção da festa.

Marcos, envolvido em sua tristeza e culpa profundas, não percebeu a ausência dos dois e permaneceu imóvel alheio a realidade a sua volta, e, sem querer reagir, deixou a escuridão se aproximar novamente, envolvendo-o completamente.

Marcos acordou-se com um grito muito forte e, sem saber porque, já estava em pé do lado de fora de sua cama. Instintivamente passou a mão pelo corpo todo, o peito a barriga, a cabeça, não estava mais doendo, não sentia mais nada de dor. Seu corpo todo tremia, mas não estava frio. Se abraçava tentando fazer parar aquela tremedeira e enchugou as lágrimas que corriam pela face.

Passava a mão pelos cabelos, ainda tentando entender o que estava acontecendo, enquanto falava com a voz trêmula:

- Calma, Marcos, foi um sonho. – Disse tentando se convencer – Já passou, foi só um sonho.

Enquanto ele falava consigo mesmo percebeu que estava de pé; estranhou e imediatamente olhou para a sua cama. Lá viu seu corpo deitado, do mesmo jeito que havia ido dormir antes da festa, e junto a sua cabeça o Amigo Espiritual com as mãos sobre sua cabeça, envolvendo-a com um brilho brando e tênue.

Marcos assustou-se e deu alguns passos para trás, perguntando alto para si mesmo: Foi só um sonho não foi? – Disse enquanto olhava para baixo e tateava seu corpo – Foi só um sonho. – Não percebeu quando por trás dele o espírito de seu avô apareceu e tranqüilamente respondeu:

- Não, Marquito. Foi mais que um sonho.

Virou-se repentinamente e, sem parar para pensar, atirou-se nos braços do avô como que buscando proteção e auxílio. Este o envolveu carinhosamente e abraçou-o por algum tempo, alisando seus cabelos e suas costas, enquanto repetia: Tudo bem, querido. Tudo bem. Você está comigo agora, se acalme.

Após alguns minutos, que pareceram uma eternidade, Marcos levanta a cabeça e encara o avô.

- É você mesmo, vovô? O senhor não mudou nada.

- Sim, Marquito, sou eu mesmo. E não posso mudar. Mesmo em espírito eu sou o mesmo que você conheceu e que te ama.

- Mas vovô - Disse Marcos se afastando um pouco – o senhor está morto. E eu nunca pude lhe ver, então eu também estou morto?

- Não, Meu filho, você não está morto.

- Então como eu posso ver, falar e até tocar o senhor? – disse Marcos tocando o avô.

- Nós estamos no mundo espiritual, meu filho. Para onde todos vocês encarnados vão quando estão dormindo. Olhe ali. – Disse apontando para a cama onde o Amigo Espiritual se encontrava – Aquele é seu corpo. Meu amigo está envolvendo você com uma

energia para que nós possamos estar tendo esta conversa. Nós estamos em algum lugar entre o sonho e a realidade.- E nesse instante Marcos percebeu um cordão fluídico que saía das proximidades do seu umbigo e ia até o seu corpo deitado.

- É meu cordão prateado? – interrogou ao avô

- Sim – respondeu Pascoal – É a ligação entre seu espírito e o seu corpo. Enquanto ele estiver aí seu corpo estará vivo e ligado a você.

- Mas vovô, - interrogou Marcos – Então quer dizer que isto tudo é de verdade?

- Sim, Marcos, tudo é de verdade.

- Então aquilo que eu ví ou sentí, sei lá, foi de verdade ou foi um sonho? – Perguntou meio sem saber como se expressar – Era tudo tão real, eu senti tudo de verdade.

- Aquilo foi mais que um sonho, Marquito, mas ainda não é realidade. Meu amigo veio me ajudar a tentar mostrar a você que ainda é tempo de retornar ao seu caminho, querido. Por isso pedi a ele que projetasse em sua mente o que poderá acontecer se você continuar do jeito que está indo.

- Porque o senhor disse ainda, vovô? – Perguntou Marcos pensativo.

- Porque a decisão é sua, Marquito. Aquilo AINDA – frisando a palavra - não aconteceu, mas pode acontecer.

- Mas se foi um sonho, – perguntou Marcos – quer dizer que aqueles caras não existem, não é mesmo? Quer dizer, o tal Tertuliano e o tal Joca, eles são de mentirinha, né?

- Não Meu filho, infelizmente eles existem. Tudo que você viu ainda não aconteceu, mas não foi inventado. Todos os personagens são pessoas reais; pessoas encarnadas e desencarnadas.

- Então o que ele disse sobre eu ser ...

- O que ele disse, Marquito, - interrompeu o avô – é que você recebeu uma santa dádiva de uma segunda chance, reencarnando nesta terra, meu filho. Lembre-se que não importa quem você foi, e sim quem você é. Não importa o mal que nós fizemos em outra vida, porque o que realmente importa é o bem que podemos fazer nesta, Marquito. E você, meu filho, pode fazer muita coisa ainda. Basta que você decida fazer o que é certo. – falou colocando as mãos sobre os ombros de Marcos.

- Não entendo, vovô...

- Após você desencarnar em sua última encarnação, Marquito, você foi socorrido pelos amigos da colônia Alta Paz; Eles te ajudaram e ensinaram muitas coisas. Lá você aprendeu que o bem cobre o mal, e que o amor cobre os nossos erros, querido. – Marcos olhava para o avô e para o Amigo Espiritual com um respeito e carinho muito grandes. – Lá você trabalhou bastante auxiliando na colônia, estudou muito e conseguiu muitos créditos junto à espiritualidade superior; do mesmo jeito eu, aqui na terra,

também como trabalhador espírita consegui muitos créditos com os amigos espirituais, assim, quando você assumiu o compromisso de retornar para a terra e ajudar alguns dos espíritos que você havia prejudicado antes, e, depois da minha morte, tomou algumas decisões erradas, eu pedi auxílio aos espíritos mais evoluídos para tentar trazer você de volta ao caminho certo. Graças ao nosso merecimento, Marcos, eles enviaram o nosso amigo ali.- Disse apontando para o Amigo Espiritual.

- Mas eu não me lembro. – Disse Marcos.

- Isso é normal, querido, nenhum de nós se lembra perfeitamente dos compromissos que assumimos. Mas todos temos dentro de nós um sentido que nos direciona para o que acreditamos, não é?

- Marcos concordou com a cabeça – E você estava fazendo um ótimo trabalho até deixar de se importar com seu trabalho em benefício do próximo e passar a se importar mais com a falta que este velho te fez.

- Ah, vovô, mas eu senti muito sua falta. – Disse o menino.

- Eu sei, Marquito, mas quando você achar que está sofrendo dê uma olhada em todas aquelas pessoas que estão nas ruas com fome, frio e solitárias. Seja o amigo delas, se preocupe com elas, que assim você estará me honrando muito mais do que chorando por mim. Transforme a sua dor, meu filho, em algo de útil para aqueles que sofrem também. Você me entende?

- Sim vovô, eu entendo. Vou tentar fazer isso.

- Assim mesmo, bom rapaz. – Disse Pascoal e abraçou Marcos carinhosamente. Olhando para o Amigo Espiritual percebeu que já estava na hora de partir. Encarou Marcos diretamente nos olhos e disse com muita segurança:

- É hora de eu ir, Marquito.

- Mas vovô...

- Não, filho, não tem mas. – Interrompeu Pascoal. – Eu só posso te dizer uma última coisa, meu filho: Siga o caminho que eu lhe ensinei. Você é jovem, tem toda uma vida pela frente. Não deixe que esta vida seja desperdiçada com álcool, sexo, fumo e outras coisas. Faça a sua vida valer a pena, Marquito. Cresça com ela, ajude as pessoas. Deixe sua marca no mundo menino. Você me entende?

- Sim – disse o rapaz.

- Tudo que você viu não aconteceu ainda, mas pode acontecer. E pode acontecer ainda pior, meu filho. Não deixe que isso aconteça. Cultive as boas amizades, as boas ações, os bons sentimentos. Procure algo que você goste de fazer e faça. Escute os conselhos de sua mãe, porque ela sempre vai querer o melhor pra você, menino.

- E o senhor vovô? Como eu faço pra falar com o senhor? – perguntou Marcos abraçando o avô.

- Eu sempre vou estar com você, Marquito. Sempre vou estar cuidando e protegendo você. Mas eu não posso fazer isso sozinho, você vai me ajudar?

- Vou vovô, eu prometo. – Disse Marcos com resolução. – E vou voltar pro centro, vou auxiliar as pessoas, vou me tornar um trabalhador como o senhor foi.

- Então, meu filho, você vai me encontrar em cada sorriso de gratidão que você olhar, em cada abraço que você receber de um irmão destes mais pequeninos e carentes, sou eu quem estará te abraçando. – E abraçou Marcos fortemente sobre o peito, ambos chorando de alegria. – Eu estarei com você, menino. Mas escute bem: você não vai se lembrar de tudo o que conversamos quando acordar, entende? – Marcos fez que sim com a cabeça – porém eu vou pedir para o nosso amigo deixar o suficiente para que você possa escolher, está bem? – novamente Marcos balançou a cabeça – Porque não importa o quanto as pessoas encarnadas ou desencarnadas influenciem você, meu filho, no final a escolha é sua. Por isso, tome cuidado com as suas escolhas. Agora vai dormir, Deus te abençoe e fique em paz. – Deu um beijo no rosto de Marcos e o acompanhou até a sua cama, onde o seu espírito deitou-se encaixando no seu corpo.

Uma vez mais, sob a ação dos fluidos aplicados pelo Amigo Espiritual, Marcos se sentia sem forças para manter os olhos abertos e deixou a escuridão envolvê-lo, desta vez, porém, ele estava tranqüilo, radiante e alegre. Já sabia o que deveria fazer.

Mais um novo dia.

O dia amanhece e Marcos desperta bem mais calmo e tranqüilo. Sentindo-se bem se espreguiça longamente com um sorriso no rosto e deixa sair uma expressão:

- Eita sono bom, cara! Devia ser assim todo dia.

Animado se levanta e cantarola enquanto troca de roupas, coloca uma calça e camisa depois arruma suas coisas para ir à escola. Lembra que mais tarde irá para uma rave, embora ele tenha amanhecido com uma vontade estranha de não ir. – Cadê aquela camisa nova? – pensa ele enquanto procura embaixo da cama, sobre as prateleiras e em outros locais pouco prováveis. Finalmente a encontra embaixo de seu travesseiro, bem amassada, e a coloca assim mesmo.

Sai do quarto apressado e desce as escadas alegre gritando:

- Mãe? To morrendo de fome, o que é que tem para comer? – recebe apenas o silêncio de resposta – Mãããeee? Cadê você???? Desencarnou foi??? – brinca o garoto.

De repente percebe um papel em cima da mesa, é um bilhete de sua mãe. Nele está escrito:

- Querido, precisei sair mais cedo e vou direto trabalhar. Tem comida para você na geladeira, não esqueça de esquentar. – Marcos pensou: como é que ela sabe que eu como sem esquentar? Poxa, ela sabe tudo cara! – Quando sair do trabalho vou direto para o centro, e aí vamos comigo? Se você for me liga que eu te pego na escola. Se cuida e vê se toma juízo. Amo você. Mamãe.

Marcos pensou em voz alta – Estranho. Até parece que já ví isso tudo antes. Que coisa mais engraçada. – disse coçando a cabeça tentando entender o que estava acontecendo. Após comer rapidamente o sanduíche e tomar o suco Marcos apanha sua bolsa e sai de casa em direção à escola.

-

Ao entrar na Escola Marcos vai se aproximando da sala quando recebe um leve tapa nas costas e escuta:

- E aí Marquito? Beleza? Como é, ta dentro ou fora do rolo de hoje a tarde? – Era seu amigo Antônio acompanhado de Bodão.

Marcos não pôde deixar de sentir uma alegria estranha ao ver o garoto. Se sentia como que aliviado, muito embora não soubesse o porque. Olhou para Antônio, pegou em seus braços como para que se certificar que era ele mesmo.

Antônio estranhou o fato e repetiu o convite com uma certa irritação:

- Ei, que é isso, cara? Tá me estranhando é? E aí? Já perguntei, tá dentro ou fora do rolo de hoje à tarde?

Marcos parou, pensativo. Antes ele estava com muita vontade de ir àquela festa, mas desde quando acordou pela manhã já não se sentia muito à vontade com a idéia. Perdido em seus pensamentos ele viu ao longe, se aproximando juntamente com Bianca, o amigo Mateus, que acenava para ele.

Devolveu o aceno com uma alegria incontida. Parecia que havia anos que não via Mateus e estava com muita saudade de sentar e conversar com Bianca. Ainda lembrando de suas conversas com a moça pareceu, dentro de sua cabeça, ouvir a voz terna e amiga do avô dizendo:

- Não importa o quanto as pessoas encarnadas ou desencarnadas influenciem você, meu filho, no final a escolha é sua. Por isso, tome cuidado com as suas escolhas.

Achou aquilo estranho, mas sentiu muita saudade do avô naquele momento e, no meio de tantos sentimentos estranhos que estava tendo desde que acordara, não achou esquisito sentir como se a mão do velho amigo estivesse em seu ombro dando-lhe forças para seguir, mesmo após o seu desencarne. Balançou um pouco a cabeça como quem deseja aliviar uma tensão no pescoço, olhou para Antônio e Disse:

- Olha, cara, Me desculpa, mas não vai dar. Eu tenho umas coisas pra conversar com uns amigos e hoje não vou sair com vocês, tá certo? Quem sabe um dia desses?

Antônio se mostrou notadamente irritado. Não aceitava a resposta de Marcos e Disse em tom ameaçador:

- Você tá pensando o que, cabra? Quem manda aqui sou eu! – Era o espírito Tertuliano que o influenciava para que dissesse o que ele desejava. Antes que pudesse continuar com a gritaria, Marcos interrompeu:

- Olha, Antônio, você é um cara legal e tudo, mas, quem manda em mim sou EU. Até nunca mais. – Saiu cantarolando uma canção enquanto Antônio ainda vociferava ficando para trás.

Ao se afastar, enquanto se dirigia para junto a Mateus e Bianca, Marcos pegou o celular do bolso e discou para a mãe:

- Alô? Filho? – Disse a mãe do outro lado da linha – Aconteceu alguma coisa?

- Não mãe, tudo ótimo. Apenas fiquei com saudade da mamãe mais linda deste planeta.

- Você não tem jeito mesmo, menino. – respondeu a mãe sem graça.
- Olha, passa aqui mais tarde pra me pegar. Eu decidi ir com você.
- Ir comigo pra onde Marcos? – Perguntou a mãe, sem imaginar ao que o garoto se referia.
- Pro centro mãe. Eu vou com você. Eu estou de volta.

*“Você não pode voltar atrás e fazer um novo começo,
mas você sempre pode começar de novo e fazer um novo fim.”*

Francisco Cândido Xavier

Recomendações de Leitura

A Bíblia . Antigo e Novo testamentos

O Livro dos Espíritos . Allan Kardec

O Evangelho Segundo o Espiritismo .Allan Kardec

Nas Voragens do Pecado, Yvonne do Amaral Pereira, Charles (espírito).

Na Internet:

<http://www.bomespirito.cjb.net>

